



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**Tema: “*Da formação Superior ao Desemprego*”: Estratégias de  
Inserção para o Mercado de Trabalho em Moçambique**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a  
obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo  
Mondlane

Autor:

**Manuel Sérgio Langa**

Supervisor:

**Dr. Neto Sequeira (MS)**

Maputo, Junho de 2017

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**  
**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

***“Da formação Superior ao Desemprego”*: Estratégias de Inserção  
para o Mercado de Trabalho em Moçambique**

**Autor:**

---

Manuel Sérgio Langa

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

**Supervisor:**

Dr. Neto Sequeira (MS)

O júri

**O presidente:**

**O Supervisor:**

**O oponente:**

---

Maputo, aos \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017

## **Declaração de honra**

Eu, Manuel Sérgio Langa, estudante na Universidade Eduardo Mondlane, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, declaro por minha honra que a presente monografia foi por mim elaborada com base na bibliografia indicada e na metodologia apresentada no decurso da sua realização.

**Autor**

---

(Manuel Sérgio Langa)

## **Dedicatória**

Ao meu pai, Sérgio Ernesto Langa, e à minha avó, Helena Langa (ambos em memória).

## Agradecimentos

Em primeiro agradecer a Deus, por ter me dado a vida e coragem durante toda esta longa caminhada.

Sinceros agradecimentos ao meu professor orientador Dr. Neto Sequeira, que foi o principal responsável pela realização do presente trabalho. Aos meus professores do departamento. À todos meus familiares em especial, Angelina Caetano Massalonga e Angelina Raul Sitóe, pois elas são as principais responsáveis pela educação que me caracteriza. À tia Adélia, aos meus irmãos, Célia Sérgio Langa, Sérgio Langa, Armando Sérgio Langa e Benvindo Sérgio Langa, que sempre me compreenderam.

Aos colegas de “*trincheira*” geração 2013-2016 vai o meu humilde *kanimambo*, ao Lucas -alto Molocue-, Virgílio, Said, Abel, Faustino, Danilson, Bernardo, Telmo, Palmira, Jacob, Miguel, Emanuel e Milton, por terem apoiado e me criticado nos diversificados debates académicos nos corredores, na sala de aulas e por terem partilhado momentos de gargalhadas durante o nosso percurso. Um obrigado ao meu grande colega e amigo de *trincheira* Gilberto Matavel, que sempre foi tóxico nos nossos debates científicos e nas conversas do quotidiano.

Aos meus grandes amigos e companheiros doutro lado, ai vai o meu obrigado ao Faísca, Esménio, Nordino, Rui Paulo, Manuel António, Manuel Victor, Joaquim, João Tivane, Jaime, Nhawane, Sheila da Costa, Ildo, big Zá, António Cuinica e Firmino Cuna, pela confiança, conselhos que tem me dado face a diversas situações da vida quotidiana.

Para os colegas de trabalho em primeiro vai o meu agradecimento ao Phd. Mungoi, Dr. Caixote e à Sra. Amélia, que sempre me entenderam e fizeram de tudo para que sempre fosse as aulas. Também vai o meu muito obrigado, à colega Denny, Leonarda, Elisa, Irina, Angela, Fauzia, dona Ruth, dona Inês, Paulo, Ventura, Amarildo, Serafim, André, Carlos Objana, Félix, Maurício, à dona Angelina e em especial à Angelina e Saloma pelo pequeno almoço que sempre preocuparam-se em partilha-lo comigo! Finalmente endereço o meu extenso obrigado à todos que me apoiaram de forma indirecta.

## **Resumo**

No estudo que realizamos tivemos como pretensão compreender as estratégias que os recém-formados no ensino superior adoptam de modo a realizar a sua entrada no mercado de trabalho em Moçambique. No quadro teórico, orientamo-nos com base na teoria de capital social de Fukuyama (2000) como forma de assumir que os jovens operacionalizam esse recurso (capital social) para facilitar a sua entrada no mercado de trabalho. Em termos metodológicos, adoptámos a perspectiva qualitativa, que nos permitiu constatar, a partir dos discursos dos jovens entrevistados, que a procura de trabalho tem em vista melhorar as condições de vida individuais e familiares, assim como exercer uma actividade remunerável. Quanto aos resultados, os jovens recém-formados no ensino superior mostram preferência por profissões vinculadas à sua formação superior, embora alguns estejam dispostos a enveredar por outras áreas de trabalho, considerando os obstáculos que enfrentam para conseguir o trabalho. Observámos que o recurso ao capital social, aos meios de comunicação, a quantificação dos curriculuns, a corrupção e ao nepotismo, as formas de trabalho alternativo são algumas das estratégias que os jovens recém-formados adoptam para a sua entrada no mercado de trabalho.

**Palavras-chave:** *inserção profissional, recém-formado, estratégias e mercado de trabalho.*

## **Abstract**

In the study that we carried out, we had as pretension to understand the strategies that the newly formed in higher education adopt so as to enter their labor market in Mozambique. In the theoretical framework, we orient ourselves based on Fukuyuma's (2000) theory of social capital as a way of assuming that young people operate this resource (social capital) to facilitate their entry into the labor market. In methodological terms, we adopted the qualitative perspective, which allowed us to see from the discourses of the young people interviewed, that the search for work aims to improve individual and family living conditions, as well as to perform a remunerable activity. As for the results, young people show preference for professions linked to their higher education, although some are willing to go other areas of work, considering the obstacles they face to get the job. We have observed that recourse to social capital, the media, curriculum qualifications, corruption and nepotism, alternative forms of work are some of the strategies young graduates adopt for their entry into the labor market.

**Key words:** *Professional insertion, newly formed, strategies and labor market.*

## Índice

Declaração de honra .....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	iv
Abstract.....	v
Introdução.....	1
Capítulo I. Revisão da literatura.....	3
Capítulo II. Enquadramento teórico e conceptual.....	7
2.1. Quadro teórico.....	7
2.2. Definição e operacionalização dos conceitos .....	9
2.2.1. Inserção profissional .....	9
2.2.2. Estratégias.....	10
2.2.3. Recém-formado .....	11
Capítulo III. Metodologia .....	12
Capítulo IV. Apresentação dos dados empíricos: análise e interpretação .....	17
4.1. Perfil sócio-demográfico dos entrevistados .....	17
4.2. Razões para a inserção no mercado de trabalho.....	18
4.2.1. Conquista de condições de vida individuais e familiares.....	18
4.2.2. Busca por uma ocupação “remunerável” .....	22
4.3. Profissões projectadas para o mercado de trabalho .....	25
4.4. Dificuldades enfrentadas na busca pela inserção no mercado de trabalho.....	30
4.5. Estratégias adoptadas para a entrada no mercado de trabalho .....	33
4.5.1. Capital social para a inserção no mercado de trabalho.....	34
4.5.2. Dos meios de comunicação à quantificação dos currículos.....	36
4.5.3. Recurso a meios ilícitos para inserção no mercado de trabalho .....	37
4.5.4. Inserção por meio de alternativas de trabalho.....	39
Considerações finais .....	44
Anexo .....	49

## **Introdução**

No presente trabalho estudamos a entrada dos jovens recém-formados na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) no mercado de trabalho formal em Moçambique no momento em que eles mesmos reconhecem o facto de enfrentarem dificuldades para conseguir trabalho.

*O objectivo deste trabalho é compreender as estratégias adoptadas pelos jovens formados, ao longo da sua trajectória para a entrada no mercado de trabalho. Especificamente, procuramos identificar as razões da busca pela entrada no mercado de trabalho; identificar as profissões projectadas pelos jovens recém-formados; descrever as dificuldades enfrentadas na busca pela inserção no mercado de trabalho e; descrever as estratégias adoptadas para a entrada no mercado de trabalho.*

Na discussão que realizamos na revisão da literatura, associamo-nos aos jovens com formação académica, especialmente superior, que enfrentam dificuldades para conseguir emprego e, quando conseguem, geralmente não é nas áreas de sua formação, sendo apenas áreas alternativas. Embora seja uma realidade demonstrada na análise do mercado de trabalho, não foram ainda exploradas as estratégias que os jovens usam para conseguir o trabalho.

O facto de existirem jovens que conseguem entrar no mercado de trabalho e jovens recém-formados que ainda estão a procura do emprego, consideramos ser relevante estudar os recursos que eles usam durante percurso de modo a conseguir o emprego, pois, como afirma Bauman (2000), eles são responsáveis pela sua própria carreira profissional e, como afirma Giddens (2003), dispõe de recursos estruturais para orientar essa carreira. E assim colocamos a seguinte questão: *Que estratégias os jovens recém-formados adoptam para realizarem sua inserção no mercado de trabalho em profissões projectadas ao longo da sua trajectória social?*

Como resposta provisória do problema que colocamos, assumimos como hipótese " *como estratégia de inserção no mercado de trabalho em profissões projectadas ao longo da sua trajectória social, os jovens recém-formados fazem o uso do seu capital social* ".

Para escolhermos o desemprego como objecto de estudo no geral e as estratégias para entrada no mercado de trabalho pesaram diferentes factores, desde pessoais, académicos e de relevância sociológica. No que concerne aos factores pessoais, pesou o facto pertencer a categoria social de

jovem, especialmente em formação superior, com ambição de ingressar para o mercado de trabalho em profissões projectadas, também pelo facto de conviver com alguns jovens que após a sua formação conseguiram uma inserção no mercado de trabalho, bem como com aqueles jovens que já estão formados e que ainda não conseguiram a sua inserção. Por isso, interessam-nos as estratégias optadas por este grupo social face a crise de emprego.

Quanto aos factores académicos, deparamo-nos com diversos artigos (cf. Beck, 1997) que retratam a questão da crise de emprego, os mesmos estão ligados a sociologia de trabalho. Esta área que se interessa pelo estudo do lugar do trabalho nas vidas das pessoas nos diferentes estágios do desenvolvimento das sociedades contemporâneas. E também pudemos olhar para a realidade moçambicana sobre a empregabilidade dos jovens esta que se demonstra pouco explorada e sendo assim ela carece de um debate académico bem aprofundado. No entanto, despertamos um forte interesse nessa área de especialização.

Sendo a sociologia uma área de estudo que se interessa pela dinâmica da vida dos indivíduos ou pelas transformações sociais, achamos que este tema tem uma grande relevância sociológica, pois o mercado o trabalho contemporâneo tem estado a sofrer grandes transformações ao ponto de estar-se numa crise de trabalho ou desemprego qualificado. Tratamos o trabalho como uma variável relevante na compreensão social, e achamos que se partindo dele podemos trazer uma compreensão mais próxima da empregabilidade dos jovens a partir dos próprios jovens recém-formados que são na verdade, os actores directamente envolvidos no seu processo de inserção no mercado de trabalho.

Organizamos o presente trabalho da seguinte maneira: no primeiro capítulo aprestamos a revisão de literatura e o nosso problema de pesquisa. No segundo capítulo apresentamos o enquadramento teórico e os conceitos do nosso trabalho. No terceiro capítulo apresentamos método de abordagem, o método de procedimento, as técnicas, os princípios éticos e os principais constrangimentos que nos deparamos com eles no campo. E, no último capítulo, apresentamos a análise e interpretação dos resultados na qual buscamos confrontação do material empírico com a hipótese de trabalho de forma a alcançar os nossos objectivos. Fechamos o trabalho com as considerações finais.

## Capítulo I. Revisão da literatura

Nesta etapa do trabalho trazemos a revisão da literatura, destacando que se debruçamos a cerca do assunto inerente à questão dos jovens recém-formados e sua inserção no mercado de trabalho. A seguir trazemos os estudos que identificamos, tendo como critério de selecção o facto de terem retrado as dinâmicas na inserção dos recém-formados no mercado de trabalho. De modo a organizarmos a nossa apresentação agrupamos os estudos em abordagem, tendo como critério o argumento quanto a relação que os recém-formados estabelecem com o mercado.

Na primeira abordagem, autores como Cuinhane (2006) e Gonzalez (2009) defendem a ideia segundo a qual os jovens que tenham cursado o ensino médio geral enfrentam mais dificuldades em comparação com os que passaram pelo ensino médio técnico; na segunda abordagem Sousa (2007), Nhamutoco (2011) e Parente et al., (2001) defendem que há uma correspondência entre as áreas de formação e as áreas de emprego para as quais os jovens dão entrada; e na terceira e última abordagem Chiese e Martineli (1993), que defendem que os jovens recém-formados, enfrentando e reconhecendo as dificuldades de entrada para o mercado de trabalho, têm adoptado pela criação do trabalho autónomo.

Começamos com os estudos da primeira abordagem, trazendo o estudo de Cuinhane (2006), intitulado: *O papel da instrução escolar na inserção socioprofissional dos jovens no mercado de trabalho formal em Moçambique*. O estudo procurou analisar o papel da instrução escolar na inserção socioprofissional dos jovens. Embora o autor não tenha especificado o nível académico dos jovens ou a área de formação, sustentou no seu estudo que a instrução escolar favorece a inserção socioprofissional dos jovens no mercado formal. Entretanto o autor enfatiza que o tipo de ensino é fundamental, pois este ditava a facilidade de inserção dos jovens no mercado formal. Assim, os jovens que optaram pelo ensino geral têm muitas dificuldades no acesso ao primeiro emprego formal, comparados com os que foram instruídos a seguir o ensino técnico-profissional. No entanto, o autor constatou, também, no seu estudo, que a instrução escolar não é suficiente para a inserção socioprofissional dos jovens, pois aquela deve ser articulada com outros indicadores, como redes sociais.

No mesmo pensamento, Roberto Gonzalez (2009) no seu estudo sobre *políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída?* Realizado no contexto brasileiro, segundo o

ponto de vista do autor devem ser desenvolvidas diversas políticas que procuram organizar a transição da escola para o mundo do trabalho.

Gonzalez (2009) afirma neste estudo que quanto ao momento de encaminhar os jovens participantes para o mercado de trabalho existem fortes desigualdades entre os jovens devido ao tipo de formação que os jovens tiveram. Segundo o autor devem ser desenvolvidas habilidades profissionais nos jovens, ou seja deve-se desenvolver uma política que procura integrar sequencialmente o incentivo à conclusão do ensino médio com programas de aprendizagem profissional que combinam a formação técnica e experiência de trabalho.

Entramos para a apresentação dos estudos da segunda abordagem, trazendo Sousa (2007) que realizou um estudo com o título: *A inserção profissional dos licenciados em sociologia formados em 2002 pela Universidade Eduardo Mondlane*. Neste estudo procura compreender o tipo de inserção que os licenciados em sociologia no ano de 2002 estavam sujeitos no mercado de trabalho Moçambicano. O autor constata neste estudo que para a inserção no mercado de trabalho, o nível académico independentemente do diploma é tido como elemento determinante, ou seja o requisito fundamental para exercer qualquer função no mercado de trabalho é o diploma.

Sousa (2007) afirma também neste estudo que não existe uma relação entre as competências adquiridas e o emprego destes, e que a maior parte dos licenciados iniciou sua entrada no mercado de trabalho antes de concluírem o curso e poucos outros inseriram-se depois da conclusão do curso se sim foi sem longa espera. Todavia poucos obtiveram uma actividade laboral sem relação directa com a área de formação.

Nhamutoco (2011) realizou um estudo de caso sobre *A inserção profissional de graduados em sociologia*. No estudo busca compreender a situação ocupacional dos graduados no curso supracitado na Universidade Eduardo Mondlane e Instituto Superior de Ciências e Tecnologias em Moçambique, identificando as posições em que se encontram e também como estes percebem a sua inserção profissional no mercado de trabalho.

Nhamutoco (2011) constatou que a maioria dos licenciados nas instituições em causa (UEM e ISCTEM) tiveram inserção no mercado de trabalho em posições profissionais que tem relação com o curso de formação, e também exercem suas funções nas instituições do ensino superior e

nas organizações não-governamentais. E no que concerne as percepções dos mesmos em relação a sua inserção profissional o autor constatou que os licenciados consideram que a sua inserção é adequada as suas qualificações profissionais.

E Parente et al. (2001) realizou um estudo com o título *licenciados em sociologia: ritmos e formas de transição no mercado de trabalho*. O estudo foi realizado no contexto português. E buscou compreender como se tem constituído a profissionalidade dos licenciados em sociologia no mercado de trabalho.

Neste estudo os autores afirmam que muitos dos licenciados em sociologia entrevistados encontravam-se inseridos no mercado de trabalho, porém estão numa situação de trajetória profissional, que se caracteriza por uma precariedade laboral. Por outra, os autores constataam que os licenciados em sociologia, antes de concluírem o curso já vinham exercendo uma actividade laboral precária e remunerável, precisando deste modo uma transição profissional ou transição ao trabalho. No estudo afirmam que estes licenciados vêem a sua formação académica como compatível a função desempenhada, pois dizem que os conhecimentos sociológicos são necessários para a execução da função.

E por fim temos na terceira abordagem, autores como Chiesi e Martinelli (1993) realizaram um estudo com o título: *O trabalho como escolha e oportunidade*. Neste estudo advogam que os jovens manifestam uma exigência de autonomia, uma atitude de experimentação e uma abordagem realista quanto à escolha do trabalho, capaz de mediar expectativas e oportunidades, surgem como os traços mais marcantes dos jovens entrevistados.

Os autores constataam, neste estudo, que grande parte dos jovens, tendo exorcizado a preocupação pelo posto de trabalho, parece muito interessada nos conteúdos e nas modalidades de trabalho e manifestam uma forte exigência de autonomia. Com efeito, não temem a flexibilidade da relação de trabalho, chegando a encará-la favoravelmente. Esses jovens privilegiam a dimensão criativa do trabalho, capaz de favorecer a realização pessoal, buscam oportunidades de aprendizagem e crescimento profissional, com o objectivo de poder potencializar as próprias capacidades.

A partir dos estudos que trouxemos nesta revisão da literatura é possível observarmos que a situação dos jovens que procuram por trabalho em relação ao mercado de trabalho não é

homogénea, pelo contrário, é bastante diversificada, resultando em diferentes posicionamentos dos autores no que diz respeito a forma como interpretam essa realidade.

A ideia defendida na primeira abordagem deve ser devidamente contextualizada, pois consideramos que o problema do desemprego afecta a todos independentemente de ter feito o ensino privado ou público geral ou técnico. No entanto, não podemos negar a ideia segundo a qual, no seio das dificuldades de entrada no mercado de trabalho existe os que têm mais possibilidades, que seriam os que possuem pelo menos uma formação técnica.

Quanto a ideia da segunda abordagem, notamos que, esta é a mais distante da realidade contemporânea, pois os jovens não só enfrentam dificuldades em entrar para o mercado de trabalho como também acabam por entrar para áreas alternativas que pouco têm a ver com sua formação. Esta abordagem reflecte a realidade dos jovens no mercado de trabalho, contudo, não compreendemos haver uma correspondência directa entre entrada no mercado de trabalho e emprego precário, sendo importante relativizar os casos.

E quanto a terceira abordagem corresponde a realidade que observamos no quotidiano de alguns jovens recém-formados, assim como não no contexto moçambique, especificamente em Maputo. No entanto, o nosso interesse está virado para aqueles jovens que persistem na busca pela sua entrada no mercado de trabalho. Desta forma, distanciamos-nos da primeira e segunda abordagem por considerar que mesmo os jovens com formação enfrentam dificuldades para conseguir emprego e que, quando conseguem, geralmente não é nas áreas de sua formação, sendo apenas áreas alternativas. Na segunda abordagem criticamos o facto de reduzir o trabalho jovem a precário e desviamos-nos da terceira pelo facto de não ser nosso interesse caso de jovens que param de procurar emprego.

Das três abordagens, associamo-nos, de forma parcial, isto é, nalguns aspectos, à última no sentido de resgatarmos e reconhecemos como válida a ideia segundo a qual os jovens recém-formados enfrentam dificuldades para conseguir emprego, materializando a sua entrada ao mercado de trabalho. No entanto, consideramos críticas as considerações de que os jovens, como alternativa fogem para o empreendedorismo e entram para emprego precário o que pode ser verdade mas não pode se generalizar.

## **Capítulo II. Enquadramento teórico e conceptual**

### **2.1. Quadro teórico**

Para explicar a entrada dos jovens recém-formados no mercado de trabalho recorreremos a teoria de capital social proposta por Fukuyama (2000) a partir da qual analisa as mudanças ocorridas nas sociedades contemporâneas.

A proposta de Fukuyama (2000) tem como ponto de partida a ideia segundo a qual as sociedades contemporâneas estão a vivenciar um conjunto de transformações, tanto ao nível das instituições sociais como ao nível das relações sociais entre os indivíduos no seu quotidiano. O autor recorre ao conceito de capital social e confiança para expressar essas mudanças e a forma como os indivíduos se relacionam.

Começamos por esclarecer o sentido no qual o autor aplica os conceitos de capital social e confiança. O primeiro conceito é definido nesta proposta teórica, como sendo um conjunto de normas e valores partilhados entre os indivíduos dentro da sociedade, conduzindo-lhe a vivenciar entre si relações de reciprocidade, cooperação e solidariedade (Fukuyama, 2000). Para dizer com isto que, o capital social é um factor que permite as relações entre os indivíduos e que assumam uma forma específica.

De acordo com Fukuyama (2000), as relações de reciprocidade, cooperação e solidariedade são possíveis porque o capital social permite que os indivíduos partilhem entre si um senso de confiança. Assim, a confiança é concebida como a certeza que se possui em que o outro irá agir de determinada maneira em determinadas situações. Isto é, um indivíduo confia no outro quando este confirma as suas expectativas quanto ao comportamento que se espera que ele adopte.

No conceito de confiança está em causa a capacidade de prever o comportamento do outro e assumir que este comportamento seguirá um determinado sentido. No entanto, para que este processo seja possível é necessário que se conheçam as normas e valores que sustentam a conduta dos indivíduos sobre quais se confia. É neste aspecto que o capital social, enquanto norma e valor partilhado, aparece como factor condicionante, na medida em que permite a partilha do quadro de referência permitindo a previsão do comportamento.

Como afirma o autor, nas sociedades contemporâneas, a confiança tende a ser reduzida nas relações interpessoais como consequência da fragilização do capital social que antes era forte no seio de grupos e comunidades fechadas. Este fenómeno ocorre principalmente nos centros urbanos, abrindo espaço para que haja uma maior confiança dos indivíduos com as instituições públicas.

A fragilização do capital social não significa seu desaparecimento no seio das sociedades, pois ainda continua sendo o suporte das relações em alguns campos de relacionamento, como é o caso do económico. Fukuyama (2000), afirma que os indivíduos agentes económicos definem os seus comportamentos económicos, bem como as suas trocas não com base essencialmente dos princípios de uma económica racionalista. Pelo contrário, existe uma base social de partilha de valores e normas sobre a qual assenta a confiança entre os agentes económicos. Para dizer com isto que o mercado é socialmente construído.

Neste trabalho estamos a retratar a inserção dos jovens recém-formados no mercado de trabalho. A partir dos conceitos de capital social e confiança podemos perceber a inserção dos jovens para esse mercado por via da activação do capital social, isto é, das relações de confiança, solidariedades, cooperação e inter-ajuda que estabelece com outros indivíduos dentro da sociedade. Com esta proposta teórica podemos, também, sem ser nosso foco principal, mostrar que a entrada dos indivíduos no mercado de trabalho pode ocorrer de acordo com normais e valores e não somente em função de princípios racionais que orientam a relação entre a oferta e a procura da mão-de-obra.

## **2.2. Definição e operacionalização dos conceitos**

Serão aqui definidos e operacionalizados os conceitos de: inserção profissional, estratégias e recém-formado.

### **2.2.1. Inserção profissional**

De acordo com Vèrnières (1997, p. 3), a inserção profissional é o processo pelo qual os indivíduos que jamais participaram da população activa ingressam em uma posição estável no sistema de emprego. O autor considera a inserção como um processo que tem como ponto final o encontro do posto formal no sistema de emprego, ou seja, o conceito de inserção profissional proposto está directamente relacionado ao término dos estudos e à busca de um posto de trabalho relacionado com o curso realizado.

Nessa perspectiva não são consideradas determinadas situações nas quais também as pessoas fazem-se ao mercado de trabalho. Não são considerados desempregados aqueles que já tenham estado no mercado de trabalho. Assim, não são também consideradas como mulheres que buscam no mercado mais tardiamente e jovens que realizam trabalhos sazonais durante o período de férias. A definição anterior também focaliza-se no período de entrada, ou seja, nos primeiros contactos dos indivíduos com o mercado de trabalho.

Cordeiro (2002) aborda a questão da inserção do mercado de trabalho do ponto de vista das diferentes lógicas susceptíveis de serem accionadas pelos actores. Destas lógicas o autor aponta para a escolha entre flexibilidade interna ou externa, modalidades de renovação dos trabalhadores, recomposição das qualificações, exigência de experiência profissional, realização de formação contínua, maior ou menor grau de autonomia profissional, contratos de trabalho estáveis ou em tempo parcial, etc., constituem, entre outras, medidas de política de gestão da mão-de-obra de uma empresa que influenciam decisivamente a inserção profissional dos indivíduos.

Estas lógicas reflectem uma visão sobre a inserção profissional assumindo o prisma das empresas. Assim, este conceito está relacionado com reflexões sobre “a estruturação da inserção pela oferta, reflexões, estas, que se desenvolvem paralelamente ao desenvolvimento do

paradigma da estruturação do mercado de trabalho pelas práticas de gestão dos recursos humanos das empresas” (Tanguy, 1986 *apud* Cordeiro, 2002).

Tomando uma perspectiva crítica da definição que trouxemos anteriormente, Vincens (1997) *apud* Piccinini e Rocha-De-Oliveira (2012) propõem que se olhe para a inserção profissional como um processo contínuo, que inicia pela busca do emprego e tem como ponto final a autonomia financeira e a probabilidade de mantê-la, ou seja, mesmo que o jovem perca seu emprego, conseguiria recolocação sem voltar a depender dos pais. Segundo essa concepção, a posição “estável” não está ligada à ocupação de um posto de duração indeterminada, mas à capacidade de um indivíduo escapar do desemprego, mantendo-se no mercado de trabalho.

As definições de Vincens (1997) e Vèrnières (1997) não fazem menção as características ou condições de trabalho, focalizando-se apenas no conseguir um trabalho e no evitar o desemprego a curto ou a longo prazo. Assim, desvaloriza-se a perspectiva do próprio trabalhador inserido. É neste sentido, que enriquecemos estas perspectivas com as lógicas de inserção apresentadas por Cordeiro (2012), com base no qual definimos, neste trabalho, inserção profissional como o processo pelo qual o indivíduo consegue pela primeira vez um trabalho que considera apropriados para si, recorrendo a diferentes meios, garantindo uma permanência contínua e independência financeira.

### **2.2.2. Estratégias**

Muitas das definições que encontramos do conceito de estratégias são propostas no campo das organizações de onde extraímos algumas com as quais realizamos a nossa discussão. De acordo com Hax e Majluf (1988) estratégia é o conjunto de decisões coerentes, unificadoras que determina e revela a vontade da organização em termos de objetivos de longo prazo, programa de ações e prioridade na afetação de recursos.

Esta definição oferece alguns elementos relevantes mas limita-nos do plano organizacional. Para Jauch e Glueck (1980), estratégias são como um plano unificado, englobante e integrado, relacionado as vantagens estratégicas com os desafios do meio envolvente. É elaborado para assegurar que os objetivos básicos sejam atingidos.

Para a pesquisa vai-se aplicar a definição de Jauch e Gluec (1980), para estratégia significar um conjunto de ações planejadas pelos indivíduos para atingirem certos fins ou objetivos desejados. Assim, podemos olhar os licenciados recém-formados como tendo objetivos específicos para os quais adotam meios de os satisfazer.

### **2.2.3. Recém-formado**

De acordo com Rose (1999) citado por Gonçalves (2001), o mercado de trabalho é caracterizado por dois tipos de indivíduos, nomeadamente: os que estão numa condição de transição profissional e os que estão numa transição ao trabalho. Estes conceitos nos possibilitam separar os recém-formados em dois grupos, assim sendo, dum lado os recém-formados que buscam uma transição profissional, ou seja, recém-formados que antes de concluírem o seu curso já se encontravam inseridos no mercado de trabalho. E doutro lado encontramos recém-formados que estão numa situação de transição ao trabalho, estes buscam a sua primeira inserção no mercado de trabalho após a sua formação.

Nesta perspectiva são consideradas neste trabalho todos jovens que foram formados a sensivelmente 2 anos, que conseguiram e procuram a sua primeira inserção no mercado de trabalho. E não são considerados os recém-formados que já se encontravam no mercado de trabalho antes de concluírem o curso.

### **Capítulo III. Metodologia**

Introduzimos neste capítulo a apresentação dos métodos e técnicas de recolha de dados e amostras aplicadas durante a fase de verificação, em que procedemos com a recolha, sistematização e organização dos dados. Todos os elementos que compõem esta fase do trabalho foram seleccionados tomando em consideração o problema construído. O problema coloca-nos diante de uma realidade que nos remete a determinados métodos e técnicas para a sua leitura.

Antes de debruçarmo-nos sobre os procedimentos é de extrema relevância deixar claro que este trabalho tem como base a abordagem qualitativa, que nos permite a construção do conhecimento sob ponto de vista da sua diversidade e profundidade, valorizando a forma como os jovens recém-formados constroem e descrevem as suas próprias experiências. Na perspectiva de Lakatos e Marconi (2003), a perspectiva qualitativa privilegia a complexidade da realidade social, assim como a perspectiva dos actores sociais sob ponto de vista das suas motivações, percepções, representações e significados. Escolhemos esta abordagem porque assumimos que a estratégia que os jovens recém-formados adoptam para a sua entrada para o mercado do trabalho dependem da interpretação que fazem das condições do mercado de trabalho, o que exige que valorizemos as suas percepções que possuem sobre essa realidade e significados que atribuem.

Quanto ao método de abordagem utilizado neste trabalho, optamos pelo método hipotético-dedutivo. De acordo com Gil (2007), consiste em um investigador procurar combinar um procedimento dedutivo e indutivo para a construção de um modelo de análise (hipóteses) para a sua confrontação com os dados empíricos a serem recolhidos na realidade em estudo. Escolhemos este método, pois permitiu-se construir e orientar o nosso estudo com base numa hipótese que resultou da nossa observação quotidiana das experiências dos jovens recém-formados no mercado de trabalho, assim como da discussão que realizámos na nossa revisão da literatura e da problemática fukuyamaniana que adoptamos.

O método monográfico foi seleccionado e aplicado como sendo o de procedimento. Este método consiste na selecção de alguns casos em número reduzido de modo a realizar um estudo em profundidade, recorrendo a técnicas que permitem uma descrição das experiências dos indivíduos dentro do contexto no qual se encontram (Ibidem). Ao escolhemos este método, tínhamos em mente o interesse de estudar alguns casos de jovens recém-formados em

profundidade, valorizando os aspectos particulares de cada caso, de modo a explorar a sua riqueza informativa.

Desta forma, começamos por definir os jovens recém-formados da UEM que constituíam as nossas unidades de análise de modo a não despendermos tempo com casos nos quais não teríamos informação desejada. Entrevistamos isoladamente cada um dos jovens seleccionados, aplicando as questões pré-definidas no guião, entretanto fomos fazendo novas questões como forma de explorarmos não só aspectos que consideramos relevantes para todos os casos, mas também aqueles que se mostraram determinantes para a compreensão de cada caso.

Se os casos que estudamos em profundidade com recurso ao método monográfico não servirem para fazer uma generalização, por mais preliminar que seja, pelo menos servirão confrontarmos a a hipótese que construímos previamente com base na qual orientamos a nossa investigação, assim como construir outras para que em torno da situação desses jovens com relação ao mercado de trabalho para possam ser testadas em futuros estudos.

Para a recolha dos dados, recorreremos à entrevista semi-estruturada que foi uma técnica aplicada directamente sobre os jovens com os quais trabalhamos. Escolhemos a entrevista por ser uma técnica qualitativa que permite obter dados por meio da descrição que os indivíduos fazem da sua experiência, uma vez que, oferece-lhe uma maior liberdade da articulação do seu discurso e aprofunda melhor a informação (Richardson, 2008). Os dados que interpretamos foram produzidos com base nos discursos dos jovens que seleccionamos na constituição da nossa amostra.

A abordagem que adoptamos no estudo tornou relevante manter uma postura de abertura para encontrarmos dados e informação não previamente esperada, visto que o seu esforço é refutar a hipótese, sendo que, de acordo com Popper (1989), só é validade aquela hipótese que resistir a refutação empírica. Se nos limitássemos a perguntas pré-definidas, corríamos o risco de recolhermos o que desejávamos recolher, incorrendo inconsciência a dedução. A entrevista semi-estruturada foi uma forma de conservarmos, ao longo de toda a pesquisa, a dúvida em relação ao que os dados diriam, deixando que a liberdade expressiva dos entrevistados surpreendesse-nos, bem como de reserva para nós, na qualidade de investigador, espaço para intervir no processo da conversa, interpretando e aprofundando da informação nova e relevante que fosse facilitada.

As entrevistas tiveram lugar em diferentes lugares da cidade de Maputo, desde os espaços universitários, jardins até aos bairros ou casas dos entrevistados. A selecção desses lugares esteve sobre responsabilidade dos jovens que seleccionamos para as entrevista, cabendo a nós apenas deslocarmo-nos ao seu encontro. As entrevistas tinham uma duração média de 25 a 30 minutos cada, pois procuramos, a todo o custo, fazer com que os jovens deixassem fluir a sua imaginação, trazendo à tona qualquer e toda informação que julgasse estar relacionado com o assunto em tratamento. A nós coubemos dentre outras funções, assegurar que não se desviassem, redireccionando-se o seu discurso no sentido da sua resposta sempre que necessário.

Para registarmos as conversas, recorremos a um gravador e blocos de notas. Para uso tanto do gravador como do bloco de nota tivemos como base o consentimento dos entrevistados, sendo que a primeira opção, para nós sempre foi o gravador, pelo que só recorriamos aos blocos de notas em situações das quais não fosse consentido o uso daquele. Todavia, o uso de um ou do outro meio de registo não afectou a qualidade dos dados, uma vez que, tendo recusado o uso do telemóvel, os entrevistados procuravam falar calmamente como forma de permitir o registo da informação.

Todo o trabalho de campo teve a duração de um mês, que foi dividido em dois momentos em função do facto de dividirmos os recém-formados em dois grupos: os que já se encontram no mercado de trabalho e os que ainda se encontram na busca pela inserção no mercado de trabalho. No primeiro momento, entrevistámos os jovens recém-formados no ensino superior que ainda não tinham conseguido entrar para o mercado de trabalho, mas que estavam a envidar esforços para o efeito; no segundo momento, trabalhámos com os jovens recém-formados que estavam empregados.

Seleccionamos os jovens no seio do universo de jovens recém-formados no superior em Maputo, especificamente na Universidade Eduardo Mondlane. Foram elegíveis na nossa amostra os jovens recém-formados ao nível da licenciatura em instituições do ensino superior, de ambos os sexos, que estejam em duas situações. Consideramos tanto os jovens que estejam já inseridos no mercado de trabalho, estando a trabalhar numa organização, seja pública ou privada, como jovens que estejam ainda na busca pela inserção no mercado de trabalho. É importante que neste segundo grupo não integramos aqueles jovens recém-formados que, sendo licenciados, não estão

interessados em encontrar emprego, visto que, existe aqueles cujo interesse é dar continuidade com a sua formação académica para níveis mais avançados, como o mestrado.

Decerto que existem em Maputo vários jovens nas duas situações acima apontadas, pelo que, não sendo possível trabalhar com todos eles porque não dispomos de estatísticas que indicam a sua totalidade, tivemos que seleccionar alguns sobre os quais administramos as entrevistas.

A bola de neve foi uma técnica que apropriada, pois facilitou a aceitação dos jovens em participar do estudo, uma vez que, éramos pessoas indicadas por conhecidos seus. Aplicamos esta porque permitiu-nos localizar os jovens recém-formados que constituíam o nosso grupo-alvo, visto não nos seria fácil identificá-los sem indicação de outras pessoas que se encontravam na mesma situação. Considerando o facto de estar em contacto constante com o ambiente académico da UEM e com os seus estudantes, não nos foi difícil identificar um número limitado de jovens que, tendo concluído o nível de licenciatura em diferentes áreas, estivessem a procura de emprego ou que tenham conseguido trabalho. Foi com base nesses jovens que conseguimos identificarmos outros que totalizaram a nossa amostra.

No todo, entrevistamos um total de 20 jovens recém-formados dos quais 10 são os que se encontram na situação de empregados e os outros 10 na situação de procuradores da entrada para o mercado de trabalho. Não existe uma razão especial para que nos limitássemos a trabalhar com uma amostra desse tamanho que não seja o simples facto de considerarmos que a partir dela é-nos possível aferir até que ponto o capital social é operacionalizado para buscar e assegurar a inserção no mercado de trabalho. Com efeito, nas situações das quais o capital social não foi ou não é a estratégia usada, foi-nos possível identificar outras que, de certeza não esgotam as possíveis de serem encontradas no mercado de trabalho nacional em Moçambique.

Para fecharmos esta parte do trabalho referente a metodologia, resta-nos referir uma situação na qual deparamo-nos no trabalho de campo. A bola de neve, usamos para construir a nossa amostra, uma técnica que se revelou de extrema importância, entretanto não impediu que nos deparássemos com situações nas quais os jovens indigitados por outros não se fizeram presentes aos encontros que tínhamos marcado por telefone. Alguns jovens chegavam muito tarde ao ponto de encontro; outros comunicavam a sua indisposição depois do dia e a hora ter chegado; outros ainda desligavam os telefones, deixando os investigadores perplexos. A paciência e perseverança

foram as estratégias usadas para conseguir obter a informação desejada, dando-lhe essas situações.

Para a análise e interpretação dos dados obtidos junto dos jovens recém-formados entrevistados, recorreremos à análise do conteúdo como meio de construção de categoria de interpretação. Esta técnica consiste em sistematizar e organizar os dados em função dos seus aspectos particulares e comuns, para que, numa fase seguinte, os dados com características comuns em termos dos seus conteúdos sejam agrupado dentro de uma mesma categoria. É com base nas categorias construídas que o investigador faz a interpretação dos dados.

Neste trabalho, adoptamos os mesmos procedimentos propostos pela análise de conteúdos nos termos no parágrafo anterior. Começamos por sistematizar e organizar os dados que recolhemos, isto após a sua transcrição, identificando e destacando a informação particular a cada caso estudado e a informação comum aos casos. Em seguida, agrupamos os casos em função da informação comum que apresentavam, tendo como referência o tópico em questão (expectativas com relação ao trabalho, razões para procurar trabalho, dificuldades enfrentadas e estratégia usadas para entrar para o mercado de trabalho), construindo e nomeando as categorias. No final, usamos estas categorias para interpretar os dados sustentados a partir de alguns estratos das entrevistas realizadas.

## **Capítulo IV. Apresentação dos dados empíricos: análise e interpretação**

Apresentamos neste capítulo do trabalho a análise e interpretação dos dados obtidos no trabalho de campo junto aos recém-formados que buscam a sua inserção no mercado de trabalho, assim como os que já estão inseridos. A nossa discussão segue a seguinte lógica:

- Primeiro, trazemos o perfil sócio demográfico dos jovens recém-formados;
- Segundo, as suas trajectórias profissionais;
- Terceiro, descrição das carreiras projectadas;
- Quarto, dificuldades enfrentadas pelos jovens recém-formados na busca pela inserção no mercado de emprego e;
- Quinto, as estratégias para a entrada no mercado de emprego.

### **4.1. Perfil sócio-demográfico dos entrevistados**

Nesta primeira secção, procedemos com a descrição do perfil sócio-demográfico, começando por afirmar que, apesar de termos trabalhado com dois grupos distintos, optamos por não separar a descrição, trazendo dados de todos os 20 entrevistados simultaneamente.

Como já adiantamos acima, foram entrevistados um total de 20 recém-graduados jovens de ambos os sexos de idades compreendidas entre 23 aos 28 anos. Todos os entrevistados são residentes da Cidade e província de Maputo, nos bairros de Marracuene, Nkobe, Matola Garre, khongolote, Central, Polana Caniço, Maxaquene, Choupal e Luís Cabral, Ferroviário, Malhazine, Benfica, Zimpeto e Magoanine.

Quanto ao seu estado civil, de acordo com os dados, os entrevistados apresentam duas situações. A primeira é de união de facto que é representada por 4 jovens e a segunda é de solteiro, que é apresentada por 16 jovens, pelo que estes são a maioria.

No que se refere à área de formação, os entrevistados distribuem-se entre as áreas, considerando que todos já concluíram a licenciatura, isto é, são licenciados em antropologia, medicina, arqueologia, ciência política, sociologia, administração pública, engenharia informática, engenharia agrónoma, química, linguística, literatura, geografia, história, ensino de francês, tradução e interpretação de francês, tradução e interpretação de inglês, ensino inglês e

arquitectura. De referir que todos eles foram formados pela Universidade Eduardo Mondlane, Universidade, em Maputo, tendo sido esta o nosso campo de estudo.

Nesta universidade, os jovens entrevistados concluíram os seus cursos nos anos de 2013, 2014 e 2015 respectivamente. Para dizer com isto que alguns estão no mercado de trabalho, inseridos ou a busca de inserção, há pelo menos 3 anos, outros há 2 anos e outros ainda há 1 ano. Dos que se encontram inseridos no mercado de trabalho, estão a trabalhar nas profissões de informática, gestor, administrador de redes e outros como técnico-profissionais.

No que diz respeito a origem dos jovens, visto que alguns vêm das províncias para fazer a sua licenciatura. Os dados mostram que dez deles são naturais da província e cidade de Maputo, três da província de Gaza, dois da província de Inhambane, dois da província de Sofala, dois da província da Zambézia, dois da província de Tete e um da província de Cabo Delgado.

## **4.2. Razões para a inserção no mercado de trabalho**

Nesta parte do trabalho retratamos as razões apontadas pelos jovens de iniciarem a sua empreitada na busca da sua inserção para o mercado de emprego. Retratamos simultaneamente os casos dos que já se encontram a trabalhar e os que ainda se encontram na situação da procura de emprego. Com base nos dados concluímos duas categorias: de razões para busca de emprego: conquista de melhores condições de vida e busca por uma ocupação remunerável.

### **4.2.1. Conquista de condições de vida individuais e familiares**

Nesta primeira categoria, fazemos uma descrição dos casos daqueles jovens que afirmaram que iniciaram a sua trajectória profissional como uma forma de procurarem e conquistarem melhores condições de vida em comparação com as condições de vida das quais dispunham ou dispõem para os que ainda não conseguiram entrar no mercado de trabalho.

Considerando que o início da trajectória/carreira profissional dá-se no momento em que o indivíduo procura pelo seu primeiro emprego, questionamos os jovens entrevistados sobre as razões que lhes levou a buscar entrar no seu primeiro emprego, tendo-nos sido facultadas as informações patentes nos seguintes depoimentos.

“O que me levou a procurar o meu primeiro trabalho foi uma questão de busca de um meio de sobrevivência. Daí, quis procurar algo que me pudesse fazer ganhar algum trocado.” (Entrevistado 1, não inserido no mercado de trabalho)

“As condições de vida é que me obrigaram a procurar qualquer coisa para fazer e que, acima de tudo, me ajudasse a dar uma mão lá em casa. Já que os meus pais são reformados há bastante tempo.” (Entrevistado 2, não inserido no mercado de trabalho)

“Um das primeiras coisas que me levou, na altura, a procurar um emprego foi o facto de eu ter as minhas próprias necessidades básicas e outras, aliás eu já sou grande o suficiente para estar a depender dos meus progenitores. Tinha que ser independente dos meus pais, ter minha própria vida, minhas próprias condições de vida”. (Entrevistado 1, inserido no mercado de trabalho)

“Bem, eu tive que começar a procurar alguma coisa para fazer porque eu estava bem grande e tinha as minhas próprias necessidades a serem realizadas, isso para além de procurar ajudar com na renda lá de casa para melhorarmos de vida. Quem não quer viver bem? Mas também queria viver aquele ambiente de trabalho, fazer amizades, falar de trabalho, sair em grupos profissionais”(Entrevistado 2, Inserido no mercado de trabalho).

As razões que motivam os jovens recém-formados a procurar pelo seu primeiro emprego demonstram não só que eles buscam nesse espaço, como também a percepção que eles possuem sobre o emprego. Começamos pela interpretação do que eles buscam. Como já tínhamos apontado acima, os entrevistados autores das entrevistas anteriores afirmam que iniciaram a sua empreitada porque sentiram a necessidade de melhorar as suas condições de vida, tanto do ponto de vista material como do ponto de vista imaterial.

Do ponto de vista material, observamos na referência a satisfação das necessidades básicas e a garantia da sobrevivência, pelo que, por meio de um emprego, assume-se ser possível obter recursos para essa finalidade. É essa a ideia quando se usa a expressão “ganhar alguns trocados”, referindo ao salário, ou dinheiro, como um meio de obtenção de outros recursos com base nos quais podem assegurar sua sobrevivência e satisfazer as suas necessidades. Os jovens mostram-se preocupados com a satisfação de necessidades básicas individuais e colectivas.

Um dos entrevistados supracitados procuram satisfazer as suas próprias necessidades de forma autónoma, conquistando assim, a sua independência com relação a sua família. As necessidades colectivas estão ligadas as condições de vida das suas famílias, pois mostram-se preocupados em assegurar a sua contribuição para a renda familiar. Desta forma, os jovens conquistam a sua

autonomia por meio do trabalho, o que não significa que tenham de romper com a sua participação na família.

Do ponto de vista das necessidades não materiais, observamos que os jovens também procuram por emprego de modo a terem acesso ao universo simbólico existente nesse campo. Entendamos universo simbólico como um conjunto de significados partilhados por uma colectividade. Desta forma, a busca pela troca de experiência nos colegas de trabalho revelam esse desejo de ter acesso a um espaço de interacção no qual partilha significados com outras pessoas.

A constatação deste último parágrafo tem sido objecto de debate na literatura sociológica contemporânea sobre o valor do trabalho, opondo diferentes autores. De forma rápida, podemos citar, como casos exemplares dessa oposição de lado, Bauman (2001), advoga que os indivíduos desvinculam-se do trabalho enquanto espaço de sociabilidade e, do outro lado, Castell e Cardoso (2005), defendem que apesar das transformações ocorridas neste mercado, o trabalho continua exercendo a função integradora com base no investimento na tecnologia que requer novas habilidades.

Embora não tenhamos encontrado muitos casos no seio da nossa amostra, os depoimentos conduzem-nos a associarmos-nos nessa segunda posição, no sentido de assumirmos que os indivíduos continuam atribuindo o significado de espaço de socialização e integração social ao trabalho. Daí a ideia de terem começado a procurar emprego pelo desejo de se sentirem membros desse ambiente relacional.

Como afirmamos, as razões apontadas reflectem imagens que os entrevistados possuem com relação ao emprego. De um lado, eles representam o emprego como uma fonte de recurso para sua sobrevivência a ser assegurada pela satisfação das suas necessidades, sendo que o dinheiro é o recurso, ou pelo menos o principal, que se busca nesse espaço. Associado a essa imagem esta ideia do emprego como o meio pelo qual se pode conquistar não só a melhoria das condições de vida, como também a da independência em relação à família. Do outro lado, está a representação do emprego enquanto espaço de socialização e integração.

Essas imagens que os jovens possuem sobre o emprego não são de forma alguma, mutuamente exclusiva, no sentido de que eles podem e representam efectivamente o emprego, ao mesmo tempo como uma fonte de recursos materiais (dinheiro) e imateriais (valores, significados). Essas

representações convergem igualmente na modalidade de emprego. Entendemos aqui emprego como trabalho que procuram, sendo que todos tinham o campo forma como o seu primeiro interesse.

Preocupou-nos saber junto dos entrevistados sobre os tipos de emprego que procuram inicialmente, pelo que observamos uma convergência nos depoimentos dos jovens na busca do emprego formal. Os depoimentos seguintes servem de exemplo:

“Eu sempre dediquei o meu tempo na procura de um emprego formal no qual tenha um bom horário de entrada assim como na saída, falo dum emprego no qual o horário é das 8 horas as 15 e 30 minutos como este que estou a exercer na instituição que me encontro a trabalhar agora, no estado lá estou seguro.”(entrevistado 4, Inserido no mercado de trabalho).

“Em relação a emprego eu penso que todos jovens desejam ter um emprego no estado no qual possam ter uma garantia de reforma, ou até mesmo numa privada que possam ter um contrato não precário, no entanto, para mim a fonte de rendimento tem que ser numa instituição do estado, mas até agora ainda não consegui, mas ainda estou tentando, sei que tarde ou cedo hei-de conseguir.” (Entrevistado 3, inserido no mercado de trabalho).

Existe uma concentração dos interesses dos jovens nas modalidades de trabalho formais. Podemos traçar uma hierarquia em termos de preferência dos jovens e anular algumas alternativas disponíveis no mercado de trabalho para as quais os entrevistados não demonstram nenhum interesse.

O emprego no Estado é a primeira opção dos jovens recém-formados, sendo que procuram uma modalidade de trabalho na qual estão sujeito ao horário que vai das 8 horas às 15 horas e 30 minutos. Em segundo lugar está o trabalho nas instituições privadas para as quais definem algumas exigências, como é o caso de não estarem sujeitos a contratos precários. Entendemos contractos precários como aqueles definidos a curto prazo. Desta forma é compreensível a sua preferência pelo Estado, onde estão sujeitos a um contracto a longo prazo com direito a reforma.

Não aparece nos discursos dos jovens o trabalho informal e o auto-emprego como uma das vias alternativas por meio das quais podem entrar no mercado de trabalho. Entretanto, é justamente nas modalidades de trabalho para as quais eles concentram os esforços, onde enfrentam dificuldades de sua integração como se essas fossem as únicas formas de trabalho remunerável, por meios dos quais podem ascender as melhores condições de vida.

#### **4.2.2. Busca por uma ocupação “remunerável”**

Nem todos os indivíduos possuem as mesmas razões para realizar um mesmo acto, o que equivale afirmar que por detrás da mesma acção podem existir diferentes razões. Nesse segundo tópico, identificamos uma categoria diferente daquela que retratamos anteriormente, pelo que os dados que interpretamos reflectem uma categoria de razões diferente para a busca pela entrada no mercado de trabalho.

De acordo com os jovens entrevistados desta categoria, iniciaram a sua busca pela entrada no mercado de trabalho movidos pelo interesse de encontrar alguma forma de ocupação, tendo sido o trabalho remunerável a actividade que lhes pareceu apropriada, como está expresso nos depoimentos a seguir transcritos:

“Eu em particular o que me fez ir a procura do meu primeiro trabalho foi o facto de não ter algo que me pudesse ocupar, por que calhou na altura em que já tinha concluído 12 classe. (Entrevistado 2, não inserido no mercado de trabalho).

“Na altura eu passei a estudar no curso nocturno e notei que tinha muito tempo de sobra durante o dia e então decidi procurar algo remunerável que me ocupasse ”. (Entrevistado1, inserido no mercado de trabalho).

Uma das várias razões foi facto de eu ter notado que durante todo dia eu não tinha nada que me ocupasse de forma remunerável e via outros colegas da escola secundária a fazerem um pouco de mecânica ali, acolá” (Entrevistado5, não inserido no mercado de trabalho).

As representações que os indivíduos possuem sobre o mundo do emprego não podem ser reduzidas as duas que observamos na secção anterior, o que podemos afirmar com base na constatação da existência de outra categoria de razões que os jovens recém-formados apontam para terem iniciado a sua empreitada pela busca do primeiro emprego.

Nesta categoria os jovens apontam como factor determinante para o início da sua busca pela inserção no mercado de trabalho o interesse em encontrar uma actividade a qual pudesse ocupar o tempo que dispunham em função de terem terminado o curso e da alteração do horário académico. Um elemento importante para que seja destacado nesta passagem, é o facto de existirem jovens cuja iniciativa na busca pelo primeiro emprego ter ocorrido mesmo antes de

terem terminado a sua formação superior. Este é um dos factores que cria condições para que existam o que se designa de estudante-trabalhador.

Olhemos para o emprego enquanto um espaço no qual encontra-se uma forma de ocupar o tempo livre para referirmo-nos ao facto de ser concebido como uma forma de substituir a actividade académica. Durante a formação, os jovens vêm nos seus estudos uma actividade que absorve o seu tempo livre, pelo que quando rompem com a instituição de ensino sentem a necessidade de encontrar outra actividade que lhes possa ocupar. Neste caso, o emprego interpretado é apenas como uma forma de ocupação. Por tanto não quer dizer que não existe interesse na sua dimensão de remuneração.

Os jovens que buscam ocupação do seu tempo livre não deixam de destacar que a sua ocupação tinha que ser remunerável, no entanto este segundo factor (remuneração) é apenas um efeito latente do emprego enquanto um passatempo. Podemos atestar essa afirmação a partir do seguinte depoimento que serve de exemplo:

“Quando conclui o meu nível superior me apercebi que tinha muito tempo de sobra, no entanto me surgiu a ideia de arranjar algo remunerável para fazer de forma a não ficar em casa sem nada a fazer e o pior, sem entrar nada no bolso enquanto esperava uma oportunidade de fazer o mestrado. A propósito, quem me terá arranjado algo para ocupar o meu tempo foi um amigo colega da escola secundária.” (Entrevistado 1, inserido no mercado de trabalho).

Essa passagem mostra a imagem do trabalho como um espaço no qual se pode encontrar uma ocupação de modo a preencher o tempo livre do qual passou a dispor após a conclusão da formação superior encontrado. Desta forma, vimos que a questão da remuneração aparece como um assessorio ao qual se pode ter acesso pelo facto de se ter conseguido uma ocupação como o principal objectivo.

A compreensão do trabalho enquanto uma ocupação para preencher tempo livre implica a sua inserção da trajetória dos jovens, procurando decifrar o seu projecto de vida. O caso acima reflecte uma situação particular, na medida em que o principal objectivo é dar seguimento a sua carreira académica, seguindo para o nível de mestrado, pelo que a dedicação ao trabalho é interpretada como uma fase transitória, distanciando-se assim, dos jovens que vêm o trabalho pós licenciatura como seu principal objectivo.

À semelhança do que fizemos com relação aos jovens da outra categoria, nesta também procuramos saber as modalidades de emprego que os jovens procuram na sua primeira iniciativa, pelo que os dados apresentaram uma certa variação:

“No meu caso em particular eu estou a procurar de qualquer coisa para fazer, pode ser estágio proporcionado pelo departamento ou não, e também estou a procura de qualquer trabalho que seja formal ou informal, afinal acabo de sair da faculdade e qualquer ocupação para mim é bem-vinda” (Entrevistado7, não inserido no mercado de trabalho).

“A prior, eu só queria alguma coisa que me ocupasse, pois não ficava bonito um recém-formado ficar por aí chutar latas de fizz, mas devo confessar que, na época pensei que um estágio ou trabalho remunerável com remuneração seria uma mais-valia, qualquer que fosse o trabalho” (Entrevistado 10, inserido no mercado de trabalho).

A ideia de ocupação faz com que a noção de trabalho seja indefinida, assumindo vários sentidos, isto é, não se busca especificamente uma modalidade de trabalho remunerável ou formal sujeita a um contrato. Para os jovens recém-formados desta categoria qualquer que fosse o trabalho, basta que lhes ocupassem, seria por eles aceite sem nenhuma reserva embora não deixem de sublinhar que a sua remuneração seria algo desejável mas não determinante.

Diferentemente dos outros jovens que buscavam trabalho no Estado e com contratos a longo prazo, os entrevistados desta categoria (busca por uma ocupação remunerável) afirmam que o trabalho poderia ou pode ser, para os que não estão inseridos no mercado de trabalho formal ou informal, remunerado ou não remunerado, embora seja caso para escolher, possam escolher o remunerado. É dentro deste quadro de opções que o estágio aparece como umas das alternativas.

A busca pelo trabalho *part-time* não ocorre somente pelo facto de estar-se a espera do seu ingresso para o mestrado. Existe no seio dos jovens, a ideia segundo a qual não socialmente aconselhável que um recém-formado esteja a deriva na sociedade sem estar a dedicar-se a qualquer actividade. Assim, o trabalho seria, na óptica dos entrevistados acima citados, uma forma de corresponder as expectativas dos outros, mesmo que dele não resulte nenhuma forma de remuneração.

### **4.3. Profissões projectadas para o mercado de trabalho**

Ao longo deste capítulo, estamos a traçar a trajetória social feita pelos jovens no processo de busca pela entrada no mercado de trabalho em profissões por eles projectadas. Pelo facto de interessar-nos pela inserção nas profissões que os jovens tenham projectado, procuramos identificar essas profissões.

Não houve necessidade de construirmos categorias de interpretação dos dados desta secção. Pois os depoimentos dos jovens convergem para um mesmo sentido quanto a projecção das profissões para as quais desejavam, e para outros, ainda desejam entrar como o seu primeiro posto de trabalho. Observamos que todos os jovens dos quais trabalhamos, mesmo que estivessem a trabalhar enquanto estudavam, afirmaram que projectaram um emprego na área de sua formação superior académica. Iremos demonstrar esse posicionamento enquanto analisamos alguns casos pois constatamos algumas diferenças quanto à materialização dessa projecção.

Começamos pelo depoimento seguinte no qual estão de forma exemplar, o de um jovem, tendo afirmado que projecta uma formação vinculada do seu curso, rejeita a possibilidade de enveredar definitivamente por outra profissão

“Na verdade eu não projectei nenhuma profissão além da minha área de formação, eu só queria terminar e trabalhar na minha área de formação, trabalhar como técnico superior em administração pública, mas o mercado não está nada fácil. Ainda assim, eu insisto em trabalhar na minha área, por enquanto não aceito qualquer emprego, ainda tenho esperanças de conseguir emprego na área de administração. Por enquanto, vou fazendo pequenos trabalhos, de curta duração, sem compromissos definitivos” (entrevistado 9, não inserido no mercado de trabalho).

Antes de interpretamos a especificidade do caso acima, importa tecermos algumas considerações relativamente ao facto dos jovens entrevistados procurarem uma continuidade entre a formação e a profissão. A palavra continuidade que empregado antes reflecte o desejo que os jovens possuem relativamente a sua trajetória social, pois o que eles procuram evitar é uma carreira caracterizada por ruptura e descontinuidades.

Para entendermos a exigência dessa continuidade devemos interpretar a formação universitária não somente como um espaço de instrução, mas também como um espaço no qual os estudantes interiorizam e partilham normas e valores com base nos quais orientam os seus comportamentos.

Desta forma, a primeira imagem construída com base nos seus valores e que aparece nos jovens, é de uma profissão relacionada com a sua formação, porque os conteúdos da sua formação passam a fazer parte da sua biográfica na qual estão acumulados os recursos dos quais eles orientam as suas acções presentes e projectam as suas práticas futuras.

No depoimento acima está expressa a ideia segundo a qual até ao momento da realização do presente trabalho estava sendo difícil conseguir inserção no mercado de trabalho na área da sua formação como resultado, na perspectiva do entrevistado, os obstáculos que caracterizam o mercado de trabalho moçambicano.

É justamente nesse último aspecto em que encontramos a especificidade desse caso, na medida em que, diante das dificuldades que encontra para conseguir emprego na sua área de formação e das quais tem consciência, não há espaço para resignação. Ou seja, essa dificuldade não constitui motivo para que abra mão do desejo de conseguir um emprego na sua área de formação, o que não significa que esteja a enveredar pela desocupação. Pelo contrário, a solução é pautar por modalidades de trabalho flexíveis<sup>1</sup>.

A flexibilidade do trabalho, de uma forma geral, é a contínua adaptação das condições estruturais e relacionais de trabalho de uma organização as exigências do seu ambiente externo e interno.<sup>2</sup> O autor do depoimento em análise encontra no trabalho flexível uma alternativa para ocupar numa actividade que gera rendimento sem abrir mão da sua projecção em termos de profissão.

O debate sobre o trabalho flexível é tão longo e extenso que não devemos dar início porque não podemos esgotar e não é nosso foco. No entanto, podemos afirmar que, enquanto concebem-no como alternativa, outros vê-os apenas como um *past-time*<sup>3</sup>. No caso do jovem autor do depoimento em análise, não devemos considerar como uma forma de empregabilidade, pois ele mesmo opta por afirmar que ainda não está empregado, apenas encontra-se a fazer alguns biscates. É por isso que identificamo-lo como estando na categoria dos que não estão inseridos no mercado de trabalho.

---

<sup>1</sup> O trabalho flexível é definido de diferentes maneiras (Casaca, 2005), no entanto por sintetizado como aquele no qual as organizações apresentam uma relação com o trabalho que é adaptada continuamente e constantemente as diferentes situações em termos de horários, formas de remuneração, tipos de contrato, etc.

<sup>2</sup> Definição adaptada da discussão realizada por Casaca no seu artigo intitulado Flexibilidade, trabalho e emprego: - ensaio de conceptualização, publicado pela Socius Working Papers, em 2005

<sup>3</sup> É uma expressão usada neste trabalho para se referir a realização de uma ocupação a tempo parcial de modo a ocupar o tempo livre do qual se dispõe.

A frustração do desejo de entrar para uma profissão que reflecta a continuidade da formação académica não é respondida da mesma forma, como podemos observar no caso representado pelo depoimento seguinte:

“Eu tenciono em ter um emprego na minha área de formação, em outros termos quero exercer as funções de um N1 formados na área de administração pública, em suma ser um administrador público, mas como o mercado esta tóxica qualquer coisa que me aparecer terei que aceitar, talvez lá dentro posso conseguir algo relacionado com a minha área de formação ” (Entrevistado 10, não inserido no mercado de trabalho).

Quatro aspectos assemelham este segundo caso ao primeiro. Ambos os jovens encontram-se na situação de não inseridos no mercado de trabalho, desejam uma profissão na área da sua formação, não conseguiram uma profissão que esteja nessa categoria e reconhecem os obstáculos existente no mercado de trabalho moçambicano. Entretanto, o que mais nos interessa é o aspecto do qual se distanciam.

Diferente do primeiro caso, o jovem deste segundo, em resposta da frustração do seu desejo, bem como em face da dificuldade em conseguir inserção no mercado de trabalho no geral e na área de formação no particular, reconhece o facto de estar disposto a entrar para qualquer profissão, sendo que o importante do momento é posicionar-se em qualquer organização e estar a trabalhar.

A inserção para o mercado do trabalho por meio de uma profissão diferente daquela que realizou na sua formação é vista não só como uma alternativa, mas também como um sacrifício, assim como uma estratégia. Alternativa porque é uma segunda opção, sacrifício porque implica abrir mão da sua primeira opção e estratégia porque é construída como um meio para perseguir a profissão dos sonhos.

No que diz respeito ao enveredar por outra profissão como alternativa, autores como Bento (2009) já tinha apontado para o facto de os jovens, face aos obstáculos que encontram no mercado de trabalho, vêm-se obrigados a aceitar qualquer proposta de trabalho por mais que não reflectam os seus interesses que ofereçam condições precárias para o exercício das actividades e funções implicadas. Nesta circunstância, decerto, que enveredar por essa via constitui um sacrifício, ou seja, abrir mão de alguns interesses prioritário em favor da satisfação de outros.

O facto de alguns jovens recém-formados revelarem esse sentimento e essa abertura para aceitar qualquer proposta, demonstra a falta de confiança em relação as instituições cuja responsabilidade é de assegurar que todos os cidadãos, em Moçambique, consigam entrar para o mercado de trabalho tendo essa vontade.

Devemos reiterar que o sentido que o conceito de confiança assume neste trabalho, decorrente do sentido que assume no nosso quadro teórico, implica que as expectativas de uma das partes com relação ao comportamento de outra parte sejam efectivamente correspondidas. Quando isso não ocorre, há quebra de confiança. Os jovens recém-formados vêm a sua expectativa de entrar para o mercado de trabalho na profissão projectada frustrada, o que faz com que não só deixem de ter certeza com relação a materialização desse desejo, como também arranjam vias alternativas.

No caso seguinte, a alternativa adoptada não se difere da que observamos nos casos anteriores (segundo depoimento desta secção), todavia trata-se de uma situação na qual já se está inserido no mercado de trabalho, como podemos observar no depoimento seguinte:

“Ah! Quando fazia faculdade, fui-me identificado com algumas cadeiras o que fez com que eu pensasse em projectar algumas profissões. Tinha sonho de ser administrador de redes, isso é algo que vinha comigo desde as cadeiras de rede que tive na faculdade, mas por ironia do destino segui outro caminho que não tem nada a ver com a minha área de formação. Aceitei porque, afinal, o mercado não está fácil”. (Entrevistado 5, inserido no mercado de trabalho).

Este terceiro depoimento acima reflecte a continuidade dos depoimentos acima em maior parte dos aspectos, como é o caso do reconhecimento das dificuldades de entrar para o mercado de trabalho, especialmente, na profissão ligada ao curso de formação, mas distancia-se daqueles quanto a sua situação em relação a esse mercado, pois o jovem em causa encontra-se a trabalhar,

Enquanto para alguns, o inserir-se para o mercado de trabalho por via de uma profissão não desejada não é vista como uma alternativa, para outros é uma alternativa ainda em potência, para o caso do jovem desse terceiro depoimento trata-se de uma alternativa consumada. Para dizer com isso que este encontra-se a trabalhar numa profissão que nada tem a ver com a profissão que tinha projectado.

Para fecharmos esta secção com a uma terceira situação, podemos, mais uma vez, fazer referência, de forma resumida, as situações anteriores de modo a assegurarmos a continuidade da

nossa interpretação. De um lado, alguns jovens estão fora de mercado a espera de entrar por via da profissão projectada, do outro lado, outros estão fora tendo dificuldade em inserir-se mesmo por via de profissões não projectadas, do outro lado ainda, outros estão inseridos por meio de uma profissão não projectada. A seguir, temos uma situação diferente dessas três.

Os casos que analisamos por último são de jovens que, reconhecendo as dificuldades do mercado de trabalho, conseguiram inserir-se nesse espaço por via da profissão por eles projectada. Trazemos o exemplo do seguinte caso:

“Na verdade, todas as pessoas escolhem um curso porque tem a ideia de depois trabalhar nessa área de formação, comigo não foi diferentes. Me formei em ensino de francês e hoje trabalho como professora de francês e como tradutora. Posso dizer que, não foi fácil conseguir e não ganho o salário que gostaria de ganhar, estou feliz porque trabalho na minha área de formação, mesmo que não tenha sido fácil conseguir. Um dia hei-de aumentar os ganhos” (Entrevistado 8, Inserido no mercado de trabalho).

Diferente de todas as três situações anteriormente analisadas e interpretadas, esta última reflecte um ponto crítico transversal das outras, na medida em que nela está patente a materialização das expectativas dos jovens na profissão projectada, ou melhor, ocorre a correspondência entre a profissão projectada e a profissão conseguida. Recordemos que a profissão projectada é aquela vinculada na área de formação.

O jovem autor do depoimento é formado em francês e trabalha em dois sectores, todos vinculados ao francês. Para dizer com isto que, não obstante com as condições do mercado de trabalho em Moçambique, é possível trabalhar com uma amostra reduzida, encontrar jovens recém-formados que conseguem inserir-se no mercado de trabalho, assegurando a satisfação dos seus interesses, embora de forma parcial.

Apontamos para satisfação dos interesses do jovem m causa (entrevistado 8), pois a questão das modalidades da remuneração contínua sendo uma questão problemáticas mesmo para aqueles que conseguem trabalho na sua área de formação. Desta forma, ao tentar inserir-se no mercado de trabalho por via da profissão projectada, o jovem é compelido a incorrer a sacrifícios, por exemplo: deve aceitar receber menos, pelo que, não há como apontar para melhor situação de todas que apontamos.

Analisadas as quatro situações, podemos tecer algumas interpretações conclusivas. A situação crítica do mercado de trabalho é uma questão transversal a todos os depoimentos, corroborando o argumento de Beck (1997) segundo o qual vivemos uma fase de desenvolvimentos das sociedades caracterizadas por capitalismo sem trabalho, o que faz com que todos estejam sujeitos a enfrentar dificuldades na busca de sua inserção para o mercado de trabalho.

A dificuldade de inserção no mercado de trabalho é responsável pelo maior ou menor distanciamento entre a projecção de uma profissão vinculada ao curso de formação e a possibilidade de sua formação, fragilizando a confiança que os jovens possuem em relação a possibilidade de um dia satisfazerem os seus interesses. Ainda assim, o interesse em trabalhar na área de formação continua sendo a primeira opção, para dizer que os valores interiorizados ao longo do curso continuam influenciando as suas acções.

Esses valores não são substanciais, estando sujeitos a reavaliações e modificações contínuas à luz das experiências que os jovens vão vivenciando no mercado de trabalho, demonstrando a sua capacidade reflexiva. É essa reflexividade que faz com que, diante de um mesmo mercado os entrevistados assumam diferentes posicionamentos, existindo os que não abrem mão dos seus interesses, os que abrem temporariamente, os que abrem definitivamente e os que conseguem a satisfação.

#### **4.4. Dificuldades enfrentadas na busca pela inserção no mercado de trabalho**

As estratégias são práticas adoptadas consoante as condições que os indivíduos esperam encontrar e encontram no ambiente dentro do qual buscam alcançar os seus objectivos, pelo que as dificuldades encontradas nesse ambiente são a terceira variável com base na qual descrevemos a trajectória social dos jovens recém-formados na sua busca pela entrada no mercado de trabalho.

Na secção anterior - só para assegurar uma compreensão sequenciada da nossa exposição acabamos referindo-nos de forma rápida as dificuldades que os jovens enfrentam na busca pela sua inserção no mercado de trabalho. A seguir aprofundamos essas dificuldades apontadas pelo entrevistado que lhes levou a adoptar estratégias de inserção.

“A dificuldade de um recém-formado, antes de mais nada, está-se a falar de anos de experiência. No meu curso, exigem muitos anos de experiência. As vezes, exigem 2 anos, 5 anos até 10 anos de experiência; por vezes são posições que requerem responsabilidade; as vezes eles exigem a própria idade, por exemplo, pode existir uma vaga de coordenador provincial, é uma vaga que exige muita responsabilidade e, para um recém-formado, não dão. Eles não gostam de dar essa posição a um recém-formado. Pensam que ainda tem aquela emoção de jovem. Então, essas são barreiras são várias, (Entrevistado 2, não inserido no mercado de trabalho).

“Agora são poucas as empresas que lançam concursos, mentem-se entre eles, você só ouve que fulano já está a trabalhar, quando lançam concursos são poucas e têm muitas exigências que nós jovens que acabamos de nos formar ainda não temos, querem muitos anos de experiências, formação nalgumas áreas, como inglês fluente. Nem mesmo estágios aceitam, eu já meti muitas cartas de estágio e até hoje nada” (Entrevistado 7, não inserido no mercado de trabalho).

Nas páginas anteriores, observamos que os jovens, na sua totalidade, afirmam que o mercado de trabalho está repleto de obstáculos que dificultam a sua inserção, pelo que a principal dificuldade de um modo geral, é efectivamente conseguir emprego num mercado que não só assiste o aumento da concorrência, como também oferece poucas oportunidades aos jovens recém-formados. Vejamos com mais detalhes alguns dos aspectos apontados pelos entrevistados como estando a obstaculizar a satisfação dos seus interesses.

Existe um entendimento no seio dos jovens de que se está a assistir uma redução na capacidade de oferta de oportunidades de trabalho no mercado de trabalho, sendo que as organizações estão, cada vez menos, a oferecer vagas para a sua inserção no mercado de trabalho. Até certo ponto esse entendimento reflecte a realidade, pois, de um lado, o governo moçambicano tornou pública a sua intenção em reduzir o nível de contratação de novos funcionários para o Aparelho do Estado (Redacção VOA, 2016, Maio 06) e do outro lado, o sector privado vivencia o que Beck (1997) designa de capitalismo sem trabalho, referindo-se ao facto de as empresas capitalistas estarem a recrutar cada vez menos.

A redução da oferta de vagas de emprego não implica que estas não existam. No entanto, o acesso as poucas oportunidades oferecidas é condicionado pela participação no que podemos designar de “esquemas subterrâneos”. De acordo com os entrevistados as vagas são distribuídas dentro de um sistema fechado “entre eles” do qual eles se encontram excluídos. Este cenário revela a falta de confiança que os jovens têm em relação as instituições sociais, na medida em

que entendem que não estão dispostas a seguir os trâmites legais e formais na selecção de concorrentes para a atribuição de vagas disponíveis.

Diante dessas dificuldades, o estágio tem sido uma das alternativas de trabalho encontradas pelos recém-formados sem experiência para iniciarem a sua carreira profissional, mas no mercado de trabalho moçambicano, as dificuldades se estendem também para as oportunidades de estágio. De acordo com o exposto no segundo depoimento acima, está sendo difícil conseguir a inserção no mercado de trabalho por via do estágio, pois as instituições recusam-se a receber estagiários.

Existem outros aspectos que diferenciam dos três anteriores, mas também são interpretados como obstáculos para a sua inserção para o mercado de trabalho. De acordo com os depoimentos que apresentamos acima, como com os que apresentamos abaixo de jovens que já estão inseridos no mercado de trabalho, como podemos observar, os requisitos exigidos constituem uma dificuldade:

“Diria que as situações difíceis, primeiro, são os requisitos que a maioria das instituições pedem, que para eles, um recém-formado não preenche, como experiência de trabalho que dificilmente um recém-formado poder ter apesar de ter tido estágio não há como preencher. Uma outra coisa é a dificuldade que enfrentamos os recursos humanos eles faziam uma cara de que está entregue, mas o curriculum não chegar a lado nenhum”. (Entrevistado 6, inserido no mercado de trabalho).

“Uma das primeiras dificuldades que eu, particularmente, passei na busca do trabalho foi o facto da maior parte dos jornais que consultava e outros sites exigirem coisas absurdas, como 5 anos de experiência como requisito para ocupar a vaga. Uma outra dificuldade que lembro foi o factor idade que foi uma das barreiras porque terminei tarde o ensino superior.” (Entrevistado 10, inserido no mercado de trabalho).

As vagas tornadas públicas para as quais os jovens recém-formados podem concorrer, apresentam uma série de exigências/requisitos que eles não possuem, desde anos de experiência, formação complementar, idade e responsabilidade. Podemos tecer rápidos comentários relativamente a cada um desses elementos, começando por apontar que os anos de experiência exigidos para a ocupação de determinadas vagas de trabalho nalgumas instituições têm sido um problema reconhecido e apontado na literatura científica sobre o mercado de trabalho.

A idade pode assumir dois sentidos dependendo das circunstâncias. De um lado, pode ser um impedimento porque os jovens apresentam idades avançadas para a vaga exigida embora tenha

formação superior. Do outro lado, associada a questão da responsabilidade, pode ser um impedimento porque os jovens são representados como novos para ocupar a posição a disponibilidade. Este último caso reflecte-se naquela situação em que se aponta, como por exemplo, para vaga de coordenador provincial.

Por último, está a exigência de uma formação complementar que constitui um obstáculo. Este requisito revela que a formação superior não é requisito suficiente para que os jovens sejam vistos como possuidores de habilidades para a ocupação das vagas disponibilizadas. Por exemplo, o inglês é uma língua exigida em decorrência das exigências comunicativas, dificultando o acesso de jovens cuja formação não inclui a aprendizagem em inglês.

De uma forma ou de outra, actuando um ou outro aspecto, o que estamos a observar é que possuir formação superior não é um elemento facilitador da inserção para o mercado de trabalho contemporâneo em Moçambique, embora não seja uma realidade exclusiva da realidade em Moçambique. De acordo com a discussão que realizamos nesta parte do trabalho, as dificuldades em conseguir trabalho generalizam-se sem distinção em termos de ensino pelo qual se optou. Ou melhor, as dificuldades em conseguir trabalho não discriminam jovens em função da sua carreira académica, sendo que todos estão sujeitos a enfrentar os obstáculos.

#### **4.5. Estratégias adoptadas para a entrada no mercado de trabalho**

Nesta parte final desta apresentação dos dados de campo, dedicamo-nos a análise e interpretação dos mesmos referentes as estratégias adoptadas pelos jovens recém-formados para a materialização da sua entrada para mercado de trabalho. A primeira leitura que fizemos da informação em nosso poder permite-nos construir quatro categorias dessas estratégias. A primeira é da manipulação do capital social, a segunda é o recurso aos meios de comunicação para a quantificação dos recursos, a terceira é o recurso aos meios ilícitos para inserção no mercado de trabalho e a quarta é a inserção por meio de alternativas de trabalho.

#### 4.5.1. Capital social para a inserção no mercado de trabalho

Começamos com a categoria da manipulação do capital social como estratégia de entrada no mercado de trabalho. De referir que iniciamos este trabalho argumentos que apesar da fragilização do capital social nas sociedades contemporâneas, ele continua sendo um recurso para que os jovens orientem as suas acções e suas relações sociais. Os dados desta categoria permitem-nos sustentar esse argumento.

O conceito de capital social contém em si diferentes dimensões e indicadores, tais como partilha de valores, cooperação, entreajuda, confiança, solidariedade. Considerando os dados de campo, limitamo-nos a considerar a dimensão da confiança partilhada no seio de grupos sociais. Nesses termos, observamos que alguns dos jovens recém-formados recorrem a essa confiança como estratégia para a sua entrada no mercado de trabalho como está expresso nos seguintes depoimentos:

“É perder tempo andar por ai a meter curriculum sem ninguém para te ajudar, eu tive sorte por fazer parte de uma igreja onde existe o espírito de ajuda entre os crentes. Assim que terminei um meu curso, informei as pessoas da igreja, não fiquei em casa mais de dois meses. O senhor que tem uma empresa falou comigo e me admitiu na sua empresa. É aqui onde trabalho agora e estou aqui há mais de 1 anos. Costuma-se dizer que tens que ter padrinho, mas não é bem assim. O que importa é contar com Deus e se associar com pessoas que se ajudam e se confiam” (Entrevistado 4, inserido no mercado de trabalho).

“Olhando para o estado actual das coisas, o governo tem reduzido algumas vagas alegando que não existe fundo para admitir novos funcionários. Tentei procurar muito sem sucesso porque não queria ter de recorrer a ninguém na família mesmo sabendo que me podem ajudar. Mas agora rendi, falei com meus pais e riram-se de mim, dizendo que queria gingar enquanto podia contar com a ajuda deles. Eles vão ajudar-me, agora estou a espera de haver uma vaga na empresa do pai e integrar-me.” (Entrevistado 9, não inserido no mercado de trabalho).

Os jovens entrevistados possuem a consciência de que nos grupos sociais dos quais estão integrados, família e religião, existe a partilha de confiança, no sentido deles terem a convicção de que os outros integrantes estão em condições e pré-dispostos para ajudar a entrar para o mercado de trabalho, pelo que, inequivocamente, assim o farão, mesmo porque em alguns casos já o tinham feito.

Definimos a confiança com a expectativa que os indivíduos de um grupo social ou uma colectividade possuem que o outro integrante agirá de uma determinada forma, em determinadas circunstâncias, caso assim o seja solicitado. Isto é, as suas expectativas em relação ao comportamento do outro sejam efectivas satisfeitas. Essa existência dessa convicção releva a presença de confiança. Neste sentido, os jovens possuíam a convicção de que seus pais e seus colegas da igreja iriam ajudar-lhes a entrar para o mercado de trabalho se eles pedissem a sua ajuda.

O recurso ao capital social como estratégia para inserção no mercado de trabalho foi activado em dois momentos distintos. No primeiro momento foi activado imediatamente após a conclusão da forma superior, na medida em que logo de início, o jovem em causa recorreu aos membros do grupo para lhe ajudarem a conseguir trabalho, o que positivamente respondido, estando até ao momento da realização deste estudo a trabalhar. Este caso mostra que os grupos sociais continuam não só a partilhar capital social, como também a fazer a sua utilização para a realização dos seus objectivos.

No segundo momento, o capital social foi activado como recurso alternativo, uma vez que a primeira opção do jovem foi procurar trabalhar usando esforço próprio sem ajuda de seus familiares com partilha confiança. Em função das condições do mercado, essa primeira investida não surtiu efeito, daí que optou por recorrer aos familiares a quem sabia que tinham poder para o inserir no mercado de trabalho e confiava que assim o fariam. Até ao momento da realização do presente trabalho, o entrevistado deste caso ainda aguardava a sua entrada para o mercado de trabalho, entretanto tinha certeza que os pais conseguiriam.

Podemos remeter esse segundo caso num comportamento que vem sendo assumido pelos jovens nas sociedades contemporâneas. Estes buscam conquistar a sua autonomia em relação a sua família, criando condições próprias de sobrevivência sem recorrer a sua ajuda. A ajuda familiar trás consigo um conjunto de princípios dos quais os jovens procuram se livrar. Encontrar emprego por conta próprio é uma forma de tornar legítima a orientação autónoma da sua vida junto dos seus familiares. A busca dessa autonomia pode ser hipoteticamente interpretada como factor que possa conduzir a fragilização do capital social. É algo por ser explorado em futuros estudos.

Os dados que interpretamos e discutimos nesta secção mostram que os jovens não só partilham capital social nos grupos dos quais fazem parte, como também possuem consciência desse capital, pelo que o adoptam como estratégia de entrada para o mercado de trabalho. Porém, não é única estratégia, como vemos mais adiante, discutimos outras três categorias de estratégias para conseguir trabalho.

#### **4.5.2. Dos meios de comunicação à quantificação dos currículos**

Poucos duvidariam do papel dos meios de comunicação na constituição dos diferentes sistemas sociais, principalmente nas sociedades contemporâneas, onde tornam-se cada mais sofisticados e desenvolvidos passando a assumir-se como o espaço de encontro entre os indivíduos. Os meios de comunicação são usados pelos jovens recém-formados como uma estratégia de materialização da sua entrada no mercado de trabalho. Este é o aspecto que desenvolvemos nas próximas linhas.

Os depoimentos que seguem reflectem aquelas situações nas quais os jovens conseguiram entrar para o mercado por via do concurso público, recorrendo a informação que obtinham relativamente a instituições nas quais existam vagas abertas, como podemos observar:

“O trabalho que consegui onde trabalho agora foi com muito sacrifício. Como eu não tinha quem me podia ajudar, a alternativa era procurar as poucas vagas que eram publicadas nos meios de comunicação, no jornal, na internet. Sempre estava na biblioteca a ler jornal e na sala de informática. Até parecia maluco porque metia em qualquer lugar mesmo onde eu via que não tinha todos os requisitos.” (Entrevistado 3, Inserido no mercado de trabalho).

“Eu tinha outra coisa por fazer a não ser procurar nos jornais, bater a porta em tudo quanto é lugar. Não vais acreditar se eu lhe dizer que cheguei a meter mais de 40 currículos. A ideia era mesmo essa, quanto mais metia mais possibilidade tinha de ser chamado. Enquanto não me chamavam continuava a meter em todos os lugares que vinham no jornal, até que me chamaram para entrevistas em dois lugares. Acabei ficando onde estou agora.” (Entrevistado 9, Inserido no mercado de trabalho).

A publicação das vagas de trabalho é uma prática legalmente prevista e formalmente realizada pela entidades empregadoras, pelo que a consulta nos meios de comunicação é uma das principais vias usadas pelos jovens para procurar materializar a sua entrada para o mercado de trabalho. Nos depoimentos acima, aponta-se para dois principais meios de comunicação: a imprensa escrita, especificamente o jornal e a internet.

O posicionamento assumido pelos jovens revela que não é suficiente apenas consultar o jornal e a internet como estratégia a adoptar para conseguir trabalho, sendo necessário complementá-la com duas outras práticas, uma vez que trata-se de um recurso pelo qual todo o jovem recém-formado tem acesso. A questão é, como assegurar a vantagem em relação a outros concorrentes aumentando a sua possibilidade de conseguir aceitação para a ocupação da vaga.

As duas práticas que complementam a busca de informação nos jornais e na internet são a quantificação dos currículos submetidos e a indiscriminação do tipo de profissão implicada em cada uma das vagas publicadas nesses meios de comunicação. A quantificação dos currículos submetidos segue uma lógica estatística, especificamente probabilística, assumindo-se que quanto maior for o número de vagas para as quais se concorre maior é a probabilidade de ser solicitado e, conseqüente, ser admitido.

Quanto a indiscriminação, já tínhamos tecido algumas considerações interpretativas nas páginas anteriores. Os jovens reconhecem o facto de haver maior dificuldade de entrada para o mercado de trabalho para aquele que busca inserir-se numa profissão com vinculada à sua área de formação. Desta forma, ao não limitarem as áreas de formação para as quais concorrem estariam a ampliar as possibilidades de conseguirem aceitação em algumas vagas.

Existe uma relação entre a quantificação e indiscriminação. Estas duas práticas relacionam-se, à medida que a última permite a ocorrência da primeira, isto é, para haver uma maior quantificação é necessário que não se faça discriminação do tipo de profissão, uma vez que poucas podem ser as vagas publicadas que estejam vinculadas a uma determinada área de formação. De uma forma ou de outra, os jovens acreditam que conseguiram entrar para o mercado de trabalho como resulta dessa estratégia que adoptaram.

#### **4.5.3. Recurso a meios ilícitos para inserção no mercado de trabalho**

Entramos para a terceira categoria das estratégias usadas pelos jovens recém-formados para a sua entrada no mercado. Designamos esta categoria de recurso a vias ilícitas como forma de referirmo-nos aos casos que os entrevistados procuram ter acesso ao mercado de trabalho não usando os meios formal e legalmente previstos.

Os depoimentos seguintes reflectem algumas das situações de recurso a vias ilícitas para inserir-se no mercado de trabalho, como podemos ver:

“É assim, para ser franco, nesta cidade é complicado um jovem conseguir um emprego, pior se tiver um ensino superior, pois as empresas não estão dispostas para pagar um licenciado, por isso que decidi recorrer a um meio ilícito, subordinei um chefezinho dos recursos humanos de uma instituição pública, porem até a data então, ainda não me deu sinal azul. Fui burlado” (Entrevistado 6, não inserido no mercado de trabalho).

“Eu nunca tive constrangimentos para encontrar um emprego graças a algumas pessoas conhecidas e outros familiares. Sabia que por outra via seria difícil, recorri as costas quentes, nas empresas onde eu sempre trabalhei têm familiares que me facilitam. Onde estou agora, foi um tio que me meteu directamente sem nenhum concurso.” (Entrevistado 2, Inserido no mercado de trabalho).

Os dois depoimentos reflectem duas situações diferentes quanto à posição que os jovens assumem em relação ao mercado de trabalho, um encontra-se na situação de inserido e outro não inserido. No mesmo modo, aproximam por uma questão que condicionou para que fossem inseridos na mesma categoria, em ambos os casos recorreu-se a vias alternativas que violam os princípios formais.

No primeiro caso trata-se de um acto de corrupção. Entendemos corrupção neste trabalho como um acto que implica “uma transacção entre os actores dos sectores público e privado, através dos quais os bens colectivos são ilegítimamente convertidos em ganhos privados (Heidenheimer et al, 1989, p.6 *apud* Mosse e Cortez, 2006, p. 8). Para dizer com isto que o jovem em causa, diante das dificuldades enfrentadas no sentido de conseguir a sua entrada no mercado de trabalho, optou por desembolsar uma certa quantia de dinheiro em troca de um benefício, neste caso, de uma vaga de trabalho.

Podemos afirmar que o facto de os jovens entrevistados reconhecerem que o mercado de trabalho não facilita a sua entrada no mercado de trabalho é em si uma condição para que tenham uma pré-disposição para a sua participação em actos de corrupção.

É importante apontarmos para o facto de, apesar do jovem em causa ter recorrido à prática da corrupção como estratégia de entrada para o mercado de trabalho, o entrevistado pode estar na condição de não inserido no mercado de trabalho, o que nos leva a interpretar a corrupção como uma prática que não garante acesso ao trabalho. Os jovens que enveredam por esta via estão a

duplo risco: em primeiro, a incorrer a um processo criminal, pois a corrupção é um crime legal e, em segundo e ao risco de despenderem o seu dinheiro sem alcançar os seus objectivos.

No segundo caso, trata-se de um acto de nepotismo<sup>4</sup>. Deixando de lado os restantes indicadores, resumamos como o actor de nomear familiares para cargos de trabalho sem o cumprimento dos critérios formais institucionalizados. Para dizer com isto que os entrevistados têm acesso ao mercado de trabalho por via de facilitações criadas por familiares em situação privilegiada nesse mercado. Diferente do caso anterior, o recurso a esta via ilegal garante que os jovens recém-formados tenham efectivamente acesso as vagas de trabalho disponíveis nas instituições de trabalho.

Este segundo constitui a confirmação da alegação feita por um dos entrevistados segundo a qual as vagas não tornadas públicas, no entanto, encontram indivíduos que entram para o mercado de trabalho sem serem submetidos a qual concurso ou teste. É o que se afirma no segundo depoimento dos dois acima, ao se aponta que um familiar garantiu o acesso directo a uma posição no mercado de trabalho.

Os dados que analisamos nesta secção permitem-nos interpretar o mercado de trabalho como um espaço cuja configuração apresenta duas dimensões, a forma e a informal, pelo que os jovens que nele procuram inserir-se por recorrer, tanto as práticas formais, como vimos na secção anterior, como as práticas informais ou mesmo ilícitas.

#### **4.5.4. Inserção por meio de alternativas de trabalho**

Entramos agora para a uma secção da análise e interpretação dos dados na qual discutimos a quarta e a última categoria de estratégias adoptadas pelos jovens para a sua inserção no mercado de trabalho. Denominamos esta categoria alternativa de trabalho como forma de mostrar que são casos de jovens que optaram por uma forma de trabalho que não implica a existência de um contracto com uma entidade empregadora.

---

<sup>4</sup> Entendemos nepotismo na perspectiva de Modesto (2012), como se tratando do “Nepotismo é a conduta de nomear para cargos públicos em comissão ou funções de confiança de livre provimento e livre exoneração, ou para cargos e funções de provimento ou exoneração condicionada, parentes, cônjuges ou companheiros de agentes públicos, enaltecendo critérios de promoção familiar e de afinidade em detrimento a critérios de mérito e capacidade funcional no acesso a cargos públicos”.

De acordo com os dados, foi-nos possíveis identificar três práticas que reflectem alternativa de trabalho. Começamos pela primeira na qual encontram o recurso ao estágio, como está patente no depoimento seguinte:

“De diversas formas que tenho recorrido eu destaco o estagio, pois se me encontro empregada hoje foi graças ao primeiro estagio que tive numa empresa que está ligada a minha área de formação, mas só pude estar lá durante 3 meses, daí decidi fazer as minhas investidas fazendo cartas de pedido de estágios e para a minha felicidade consegui um estagio de 6 meses e por fim fui contratada como efectivo definitivo.” (Entrevistado 10, Inserido no mercado de trabalho).

Observamos acima que os dos factores que fazem com que os jovens enfrentem obstáculo ao longo da sua procura pela entrada no mercado de trabalho são os requisitos exigidos pelas entidades empregadoras para que um jovem concorra a uma vaga de emprego e seja efectivamente elegível a esse concurso. Desses requisitos os anos de experiência, que vão de 3, 5 a 10 anos são recursivamente apontados como os mais inibidores, pois alguns dos recém-formados ainda não tiveram oportunidade de estar envolvidos em qualquer actividade laboral.

Diante dessa exigência feita aos jovens e possuídos pelo desejo de entrar para o mercado de trabalho, onde o trabalho estágio<sup>5</sup> é uma via alternativa e estratégica para iniciar a construção da sua carreira profissional.

O carácter não remunerado de alguns estágios pode permitir aos recém-formados que sejam inclusos nas entidades empregadoras mesmo sem possuírem nenhuma experiência profissional. O estágio profissional não é garantia de contrato de trabalho, estando o indivíduo sujeito ao risco de não ser posteriormente contratado, como ocorre na primeira experiência do jovem do depoimento acima. Contando também com o facto de os entrevistados já terem alegado anteriormente a dificuldades em conseguir oportunidade de estágio. Porém, a persistência nessa estratégia surtiu o seu efeito, pelo menos para o caso do autor da passagem acima o que não pode ser generalizado para todos os que adoptam essa alternativa de trabalho.

---

<sup>5</sup> Do ponto de vista conceptual, Andrade (2005) afirma que o estágio profissional é a primeira oportunidade que o licenciado tem de assumir a sua identidade profissional, permitindo a sua inclusão civilizada no mercado de trabalho.

As alternativas de trabalho não se limitam no estágio, mesmo porque essa implica uma relação com uma entidade empregadora a qual se concede a mão-de-obra. Outra alternativa de trabalho é o empreendedorismo, como podemos observar na passagem seguinte:

“Já estava claro que não estava fácil conseguir trabalho, víamos os estudantes que já tinham graduado no desemprego. Quando terminei, tentei meter alguns currículos ai e acolá, mas não passaram dois. Decide abrir minha própria empresa de consultoria com uns colegas e um docente. Agora estamos aqui. Embora outros dois abandonaram, eu e mais um colega continuamos aqui a realizar as nossas actividades. Mas também eu nunca gostei de trabalhar para ninguém. Trabalhamos para a nossa própria empresa” (Entrevistado 7, Inserido no mercado de trabalho).

O empreendedorismo<sup>6</sup> é um termo que domina os discursos administrativos e políticos em torno dos jovens, aponta-se como a via alternativa para se enfrentar as dificuldades nessa camada social para entrarem no mercado de trabalho.

Empreender implica o uso do seu conhecimento e habilidade para criar iniciativas que possam servir como base para a sua sobrevivência e crescimento. No caso em análise, interpretamos como uma acção empreendedora no sentido de considerarmos que, diante das dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho para ter contrato numa entidade empregadora, os recém-formados enveredam por criação de empresas próprias, inserindo-se no mercado de trabalho por essa via.

Consideramos empreendedorismo uma alternativa de trabalho, uma vez que os entrevistados colocam-no no segundo plano. Vimos anteriormente que a busca pelo contrato numa entidade empregadora constitui a primeira escolha dos jovens, sendo que tudo que é feito, desviando-se desse objectivo é uma alternativa. Mesmo no caso reflectido no depoimento acima está expressa a ideia segundo a qual primeiro procurou-se submeter currículos quando se viu frustrada essa via é que se enveredou pelo empreendedorismo.

Nas condições das quais se deu o acto empreendedor no depoimento acima, revela uma situação de trabalho empregado, isto é, o jovem apresenta um vínculo de emprego embora seja sua própria empresa. Nestes termos, entendemos ser frutífero do ponto de vista interpretativo,

---

<sup>6</sup>Baggio&Baggio (2014) define o empreendedorismo é o despertar do indivíduo para o aproveitamento integral de suas potencialidades racionais e intuitivas. É a busca do auto-conhecimento em processo de aprendizado permanente, em atitude de abertura para novas experiências e novos paradigmas

diferenciando da situação de empreendedorismo resultante num trabalho autónomo, como podemos observar na passagem seguinte:

“Já que no mercado está difícil mesmo, eu tenho elaborado uns projectos algumas propostas apresento algumas acções que trabalham em diferentes áreas para elas pedirem financiamento, se conseguirem, dão-me a minha parte do valor e ficam com o resto. Também tenho concorrido para realizar consultoria algumas empresas que lançam concurso e aceitam consultores individuais. Dou explicação e faço pesquisas próprias” (Entrevistado 8, Inserido no mercado de trabalho).

Esta passagem revela o que designamos de empreendedorismo de trabalho autónomo ou, simplesmente, de trabalho autónomo, como uma alternativa de trabalho adoptada pelos jovens para se inserirem no mercado de trabalho. É pertinente um certo esclarecimento logo de início. Por trabalho autónomo entendemos como qualquer actividade profissional realizada no mercado de trabalho sem a existência de qualquer vínculo de emprego, pelo que faz por si e para si, assumindo sozinhos os riscos implicados.

Na passagem acima, o trabalho autónomo consiste em actividades de consultoria às empresas e associações sem que exista, entre as partes envolvidas qualquer contrato ou relação de emprego. Alguns autores, como Bauman (2001), concebem o trabalho autónomo a primeira escolha e preferência dos jovens nas sociedades modernas. Porém, podemos afirmar que na sociedade moçambicana a realidade ainda não assumiu esse sentido ou, pelo menos ainda não se generalizou, pois observamos uma preferência pelo trabalho emprego no seio dos jovens formados com os quais trabalhamos.

No seio dos entrevistados, o trabalho autónomo continua sendo uma alternativa ao trabalho empregado que ocupa o primeiro lugar nas suas preferências no que diz respeito à entrada para o mercado do trabalho. No entanto, devemos considerar que a situação de trabalho autónomo conferente ao profissional o estatuto de potencial empregado, pelo que não podemos assumir que o uso dessa estratégia significa o abandono da busca do trabalho empregado, especialmente no Aparelho do Estado.

As alternativas de trabalho são forma de trabalho que podem assumir diferentes formas e implicar diferentes tipos de relação para com as entidades empregadoras, desde a simples prestação de trabalho não remunerado até ao trabalho autónoma com remunerações

autonomamente definidas, mas todas as formas implicam a presença do jovem profissional no mercado de trabalho.

Fechamos a nossa análise e interpretação dos dados afirmando que as estratégias que os jovens adoptam estão ligadas as suas experiências, o que faz com que alguns só possam adoptar um a não outra estratégia. Porém, não havendo uma relação de exclusividades entre as estratégias de entrada no mercado de trabalho, elas podem ser operacionalizadas simultaneamente ou mesmo sequencialmente.

## **Considerações finais**

Os problemas enfrentados para a entrada no mercado de trabalho, sendo um fenómeno vivenciado nacional e internacionalmente, constituem uma consciência generalizada nos indivíduos que procuram por emprego, especialmente no seio dos jovens, uma camada social que é mais afectada por eles. O fenómeno que pode ser considerado novo é o facto de atingir os que têm formação superior que antes eram vistos como imunes a essas preocupações.

Os dados que interpretamos mostram que os jovens iniciam a sua trajectória social na busca do emprego por diversas razões. Alguns procuram melhorar as suas condições de vida fora ou dentro da família, outros procuram apenas uma ocupação para despender o seu tempo livre e representar a imagem de licenciado socialmente objectivada. Por consequência, os primeiros centram-se na procura de um trabalho empregado no Aparelho de Estado ou em instituições privadas, basta que tenham um contracto a longo prazo, uma remuneração fixa e estejam sujeitos a horários de trabalho também fixos e os segundos não têm preferência podendo ser mesmo um trabalho informal.

É transversal aos jovens recém-formados projectar a sua inserção para o mercado de trabalho por via de uma profissão que corresponda e seja continuidade da sua área de formação, embora nem sempre seja possível. Diante das condições do mercado de trabalho, nem todos os jovens permanecem firmes nesse ideal, havendo aqueles que estão dispostos a entrar por outras profissões e outros que já se encontram a trabalhar em área que nada tem a ver com a sua formação superior.

As dificuldades encontradas no mercado de trabalho são várias, começando da incapacidade do mercado em absorver toda a mão-de-obra qualificada com formação superior, passando pela existência de esquemas subterrâneos por meio do qual algumas conseguem inserir-se no mercado de trabalho até a exigência de requisitos dos quais os jovens estão desprovidos. A falta de experiência profissional, a idade e a falta de formação profissional complementar e a sua exigência representam obstáculo para que os recém-formados tenham a oportunidade de pelo menos serem elegíveis aos concursos de emprego.

As dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho exigem criatividade por parte dos jovens para que tenham acesso a esse espaço, traduzindo essa criatividade em estratégias que podem ser levadas a cabo isolada. O recurso ao capital social, aos meios de comunicação e a quantificação dos currículos à corrupção e ao nepotismo, as formas de trabalho alternativos são algumas das estratégias possíveis de serem encontradas no mercado de trabalho. Com efeito, apenas confirmamos a nossa hipótese, uma vez que nos mostram que o capital social é um recurso usado como estratégia, mas não é o único.

Ao analisarmos o recurso do capital social, observamos que os jovens podem possuí-lo, mas não usá-lo, pautando por esforços próprios e individuais para se inserirem no mercado de trabalho de forma autónoma. Essa iniciativa pode influenciar nas condições de existência do capital social no seio das famílias desses jovens. Esta é uma informação hipotética possível de ser adoptada em futuros estudos para o seu teste, pelo que é uma sugestão que deixamos para investigadores que se interessem pela influência da entrada para o mercado de trabalho na organização social.

## Referências

- Andrade, A. M. *O estágio supervisionado e a práxis*. Disponível em: [www.duc.ufm.br/arnon/estagio.pdf.2005](http://www.duc.ufm.br/arnon/estagio.pdf.2005), p.2. Consultado a 12 de Maio de 2016.
- Bento, S. P. (2009). *"Os inempregáveis": estudos de caso sobre os impactos psicossociais do não-emprego em licenciados portugueses*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. (2009).
- Baggio, A. F. & Baggio, D. K. (2014). *Empreendedorismo: Conceitos e Definições*.
- Beck, U. (1997). *Capitalismo sem trabalho*. Ensaio FEE. pp. 41-45.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Casaca, S. F. (Novembro de 2005). *"Flexibilidade, trabalho e emprego: - ensaio de conceptualização"*. *Socius Working Pappers*.
- Castel, M. & Cardoso, G. (2005). *Sociedade em rede do conhecimento a accao politica*.
- Chiesi, A. & Martinelli, A. (1993). *O trabalho como escolha e oportunidade*. Polónia: Mulina.
- Cordeiro, J. P. (2002). *Modalidades de Inserção Profissional dos Quadros Superiores nas Empresas*. Sociologia, problemas e práticas. pp. 79-98
- Cuinhane, C. (2006). *O papel da instrução escolar na inserção socioprofissional dos jovens no mercado de trabalho formal em Moçambique*. Maputo: Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane.
- Fukuyama, F. (2000). *A grande ruptura: a natureza humana e a reconstituição da ordem social*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Giddens, A. (2003). *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gil, A. C. (2007). *Métodos e técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Goncalves, C.; Parente, C. & Veloso, L. (2001). *Licenciados em sociologia e mercado de trabalho na transição do milénio*. Lisboa, pp. 253-297.

Gonzalez, R. (2009). *Política de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída?*. Brasília.

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: sentidos e formas de uso*. Portugal: Princípia.

*O Estado Congela contratação de funcionários públicos*. (Redacção VOA, 06 de Maio, 2016). Disponível em: <http://www.voaportugues.com/a/governo-mocambique-funcionarios-publicos/3318433.html>. consultado a 13 de Junho de 2016.

Hax, A. C. & Majluf, N. S. (1988). *A concepção de estratégias e o processo de formação de estratégias*. Interfaces.

Jauch, L. R. & W. F. Glueck, W. F. (1980). *Políticas de negocio e estratégia de gestão*. McGraw-Hill.

Lakatos, E.V. & Marconi, A. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5º ed., São Paulo: Editora Atlas.

Minayo, M. C. (Org. 2004). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 23 ed., Petrópolis: Vozes.

Modesto, P. (2012). *Nepotismo em cargos político-administrativos*. Brasil-salvados-bahia.

Mosse, M. & Cortez, E. (2006). *A pequena corrupção no sector da educação em Moçambique*. Maputo.

Nhamutóco, A. J. (2011). *Sociólogos não têm falta de emprego em Moçambique! Um estudo sobre a inserção profissional de graduados em sociologia*. Trabalho de fim do curso (Licenciatura em Sociologia). Maputo: Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane.

Oliveira, T. M. (2014). *Desemprego e população qualificada*. Universidade de Coimbra.

Popper, K. R. (1980). *Conjecturas e refutações (O progresso do conhecimento científico)*. Brasília: Editora da UnB.

Richardson, R. J. (2008). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Rocha-de-Oliveira, S. & Piccinini, V. C. (2012). *Contribuições das abordagens francesas para o estudo da inserção profissional*. São Paulo: Revista Brasileira de Orientação Profissional, vol. 13, pp. 63-73.

Sousa, F. A. (2007). *A Inserção Profissional dos Licenciados em Sociologia Formados em 2002 pela UEM*. Trabalho de fim do curso (Licenciatura em Sociologia). Maputo: Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane.

Salinger, L., & Ennis, C. (2014). *Mercado de trabalho em Moçambique face ao boom de recursos naturais - Quais os potenciais impactos da Doença Holandesa?*. Moçambique: USAID do povo americano.

Schmidt, L. (1990). *Jovens: família, dinheiro, autonomia*. *Análise social*, vol. XXV.

Vernieres, M. (1997). *Inserção profissional, análise e debates*. Paris: Económica.

Vilhena, P. E. (2005). *Relação de emprego*. São Paulo: LTr.

## **Anexo**

### **I. Dados sócio-demográficos**

1. Idade
2. Sexo
3. Residência
4. Estado civil
5. Nível de escolaridade
6. Província de origem
7. Área de formação
8. Ano de conclusão da licenciatura
9. Outras formações profissionais
10. Ocupação actual

### **II. Trajectória dos jovens recém-formados na busca pela inserção no mercado de trabalho**

1. Qual foi o seu primeiro trabalho?
2. Era esse o trabalho que esperavas encontrar?
3. O que te levou a procurar o seu primeiro trabalho?
4. Que outros tipos de trabalhos exerceu ao longo da sua carreira profissional?

### **III. Profissões projectadas pelos jovens recém-formados após a sua formação**

1. Qual foi a profissão que projectas-te para si antes de entrar para o ensino superior?
2. Esta profissão projectada mudou ao longo da conclusão da licenciatura? (argumente)
3. Qual foi a profissão que projectaste logo que concluíste com a licenciatura e onde (província, sector e instituição) é que esperas exercer essa profissão? (Justifique)
4. Como esperavas/esperas conseguir uma colocação numa instituição onde exercerias essa profissão?
5. Podes fazer uma descrição da carreira profissional que pretendes seguir?

#### **IV. Dificuldades enfrentadas pelos jovens recém-formados na busca pela inserção no mercado de trabalho**

1. Como foi que começaste a sua busca pelo trabalho após a conclusão do curso?
2. Que tipo de trabalho procuras/procuravas? (justifique)
3. Quais são as dificuldades que estas a enfrentar/enfrentas-te ao longo da/para sua busca por trabalho?
4. O que é que fizeste para enfrentar essas dificuldades?

#### **V. Capital social na busca de trabalho**

8. O que fizes-te/estas a fazer de modo a conseguir trabalho?
9. Por quê decidiste usar esse meio para conseguir essa vaga de trabalho?
10. Podes descrever como é usar esse meio para conseguir trabalho?
11. Em que momento decidis-te recorrer a esse meio?
12. O que é que te fez acreditar que essa meio te facilitaria uma vaga de trabalho?